



restauração do **Palacete**  
**Camilo de Mattos**  
em Ribeirão Preto, SP

Projeto de restauração do  
**Palacete  
Camilo de Mattos**  
**em Ribeirão Preto, SP.**

Trabalho de Conclusão de Curso 2  
**Heloísa Cristina Cirilo Bocchi**  
Orientadora: **Marília M. B. Teixeira Vale**



# LISTA DE FIGURAS



Figura 1 – Imagem Fachada Residência Marquês de Itu. Fonte: Acervo Ramos de Azevedo da FAU-USP, reprodução de Roberto Bogo, in Pires, Mário J. Sobrados e Barões da Velha São Paulo.

Figura 2 – Imagem Fachada Residência da filha do Barão de Pirapitinguy, em Campos Elíseos, São Paulo. Fonte: Acervo Ramos de Azevedo da FAU-USP, reprodução de Roberto Bogo, in Pires, Mário J. Sobrados e Barões da Velha São Paulo.

Figura 3 – Imagem Fachada Residência de Martinho Prado, na Av. Higienópolis, São Paulo. Fonte: Acervo Ramos de Azevedo da FAU-USP, reprodução de Roberto Bogo, in Pires, Mário J. Sobrados e Barões da Velha São Paulo.

Figura 4 – Fotografia do início da cidade de Ribeirão Preto. Fonte: <http://www.ribeiraopreto-convention.org.br/nossa-historia/> (acesso em julho de 2017).

Figura 5 – Imagem do centro da cidade de Ribeirão Preto em 1930. Fonte: <http://pmrp.com.br/scultura/arqpublico/fotos/galeria.htm> (acesso em julho de 2017).

Figura 6 – Imagem antiga do edifício Diederichsen e Quarteirão Paulista. Fonte: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=332308> (acesso em julho de 2017).

Figura 7 – Imagem antiga do conjunto conhecido como Quarteirão Paulista. Fonte: <http://pmrp.com.br/scultura/arqpublico/fotos/galeria.htm> (acesso em julho de 2017).

-contada.html - acesso em novembro de 2017).

Figura 9 – Imagem do centro de Ribeirão Preto nos anos 1960. Fonte: <http://archive.is/hDQ5i> (acesso em julho de 2017).

Figura 10 – Imagem do calçadão de Ribeirão Preto anos 1990. Fonte: <http://www.ribeiraopretoconvention.org.br/nossa-historia/> (acesso em julho de 2017).

Figura 11 – Imagem do centro de Ribeirão Preto atual. Fonte: <http://www.mottavisual.com.br/files/noticias/08bc0e375ad1686b89cdc00604a-4b64erosa.jpg> (acesso em novembro de 2017).

Figura 12 – Imagem do centro de Ribeirão Preto atual. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 13 – Imagem do centro de Ribeirão Preto atual. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 14 – Foto 1926 casarão e Camilo de Mattos. Fonte: <http://www.saopauloantiga.com.br/palacete-camilo-de-mattos/> (acesso em julho de 2017).

Figura 15 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 16 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 17 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 18 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 19 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 20 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 21 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 22 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 23 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi

Figura 24 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 25 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 26 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 27 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 28 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 29 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 30 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 31 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 32 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 33 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 34 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 35 – Foto do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: Heloísa Bocchi.

Figura 36 – Imagem Hotel Sete de Setembro. Fonte: Martins, Ana Paula. O Patrimônio Eclético no Rio de Janeiro e a sua preservação,2009.

Figura 37 – Imagem Hotel Sete de Setembro. Fonte: Martins, Ana Paula. O Patrimônio Eclético no Rio de Janeiro e a sua preservação,2009.

Figura 38 – Imagem Hotel Sete de Setembro. Fonte: Martins, Ana Paula. O Patrimônio Eclético no Rio de Janeiro e a sua preservação,2009.

Figura 39 – Plantas Hotel Sete de Setembro, Edifício Principal. Fonte: Martins, Ana Paula. O Patrimônio Eclético no Rio de Janeiro e a sua preservação,2009.

Figura 40 – Plantas Hotel Sete de Setembro, Edifício Principal. Fonte: Martins, Ana Paula. O Patrimônio Eclético no Rio de Janeiro e a sua preservação,2009.

Figura 41 – Plantas Hotel Sete de Setembro, Edifício Principal. Fonte: Martins, Ana Paula. O Patrimônio Eclético no Rio de Janeiro e a sua preservação,2009.

Figura 42 – Plantas Hotel Sete de Setembro, Edifício Principal. Fonte: Martins, Ana Paula. O Patrimônio Eclético no Rio de Janeiro e a sua preservação,2009..

Figura 43 – Plantas Hotel Sete de Setembro, Edifício Anexo. Fonte: Martins, Ana Paula. O Patrimônio Eclético no Rio de Janeiro e a sua preservação,2009.

Figura 44 – Fachadas Hotel Sete de Setembro, Edifício Anexo. Fonte: Martins, Ana Paula. O Patrimônio Eclético no Rio de Janeiro e a sua preservação,2009.

Figura 45 – Fachada Hotel Sete de Setembro, Edifício Principal. Fonte: Martins, Ana Paula. O Patrimônio Eclético no Rio de Janeiro e a sua preservação,2009.

Figura 46 – Croquis de Projeto. Fonte: Heloísa Bocchi,2017.

Figura 47 – Croquis de Projeto. Fonte: Heloísa Bocchi,2017.

# SUMÁRIO



|                                                                                                                 |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Apresentação.....</b>                                                                                        | <b>13</b> |
| <b>Capítulo 1 – O Ecletismo no estado de São Paulo .....</b>                                                    | <b>17</b> |
| 1.1 – As origens do ecletismo, da Europa ao Brasil .....                                                        | 19        |
| 1.2 – O Ecletismo em São Paulo .....                                                                            | 22        |
| <b>Capítulo 2 – O restauro e suas teorias.....</b>                                                              | <b>27</b> |
| 2.1 – O restauro e suas primeiras teorias.....                                                                  | 29        |
| 2.2 – As cartas patrimoniais e as teorias contemporâneas de Restauro.....                                       | 31        |
| 2.3 – A teoria Crítico-conservativa e Criativa.....                                                             | 34        |
| <b>Capítulo 3 – A cidade de Ribeirão Preto: suas origens,<br/>da economia cafeeira até os anos 1990.....</b>    | <b>37</b> |
| 3.1 – A fundação de Ribeirão Preto: seu contexto<br>e crescimento inicial.....                                  | 39        |
| 3.2 – O crescimento da cidade: as expansões e setorizações<br>do centro da cidade.....                          | 41        |
| 3.3 – As intervenções no Centro: a melhoria e ampliação da<br>infraestrutura da cidade e seu embelezamento..... | 52        |
| 3.4 – O centro de 1940 até o centro dos anos 2000: as mudanças,<br>novas setorizações e sua verticalização..... | 58        |
| <b>Capítulo 4 – O centro de Ribeirão Preto e seus usos:<br/>uma análise atual.....</b>                          | <b>61</b> |

**Capítulo 5 – O Palacete Camilo de Mattos.....71**

5.1 – Histórico da edificação: a figura de Camilo de Mattos e a dúvida sobre a autoria do projeto.....73

5.2 – As características arquitetônicas do Palacete: o ecletismo, a alvenaria e as ornamentações.....76

5.3 – O processo de tombamento.....85

5.4 – O palacete através do tempo: condições atuais.....87

**Capítulo 6 – Restauro e Reuso: o projeto de intervenção e as referências projetuais.....99**

6.1 – Referências Projetuais: o restauro do eclético no cenário contemporâneo, o caso do Hotel Sete de Setembro no Rio de Janeiro.....101

6.2 – A consolidação do Palacete: ações de restauro.....108

6.3 – O projeto de intervenção: a coexistência do eclético com o contemporâneo.....116

**Considerações finais.....132**

**Referências Bibliográficas.....134**



APRESENTAÇÃO



O presente trabalho, apresentado como requisito obrigatório para a conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia, tem como objetivo geral instigar as discussões sobre as práticas de restauro e as políticas de preservação do patrimônio, principalmente no interior do estado de São Paulo.

Através de análises, levantamentos e pesquisas teóricas, pretendem-se alcançar o objetivo específico deste trabalho, que é a proposição de um projeto de restauro para o Palacete Camilo de Mattos, com diretrizes que seguem a linha teórica do restauro Crítico Conservativo e Criativo, alinhadas com a proposição de um novo uso e novos espaços para a edificação. Localizado no centro do município de Ribeirão Preto, o palacete Camilo de Mattos é um dos últimos exemplares da arquitetura eclética do início do século XX na cidade.

Remetendo aos tempos áureos do período cafeeiro na região, que proporcionou o crescimento e a modernização da cidade, e ligado ao nome de uma figura pública de certa importância para a cidade, o casarão é um pedaço da memória ribeirão-pretana locada no

no coração de seu centro.

Com esta localização privilegiada, o palacete foi plano de fundo para momentos históricos marcantes para a cidade e até mesmo para o país, como pode ser observado em imagens antigas que estarão presentes neste texto, sendo um marco na paisagem do município, o que salienta ainda mais a importância da sua conservação para o contexto da cidade, que devido à grande especulação imobiliária da região, viu grande parte de seus edifícios com valor histórico e arquitetônico serem abaixo para dar lugar a prédios altos e edifícios comerciais.

Exemplar de destaque do estilo eclético do período cafeeiro no interior do estado de São Paulo, o edifício possui traços marcantes desta arquitetura residencial burguesa do século XX, como pode ser observado em sua implantação, centralizada no lote e cercada por jardins, e em sua divisão interna, compartimentada e tripartida, além da presença de diversos elementos decorativos, como as ornamentações em estuque e o uso do ferro nas fachadas, e as pinturas murais trabalhadas no interior do palacete, que serviam para explicitar o status do proprietário da residência.

O casarão, apesar de desocupado e sem manutenção adequada desde meados de 1993, ainda se encontra relativamente bem preservado, com vários elementos originais da época de sua construção ainda presentes, como os ornamentos das fachadas e o piso original, podendo assim ser restaurado de forma plena sem ter que recorrer a reconstruções, recriações ou refazimentos.

A qualidade arquitetônica e a importância histórica do bem para a cidade de Ribeirão Preto justificam a sua conservação, que tem como um de seus objetivos também o deixar como legado para as gerações futuras. Juntamente com estas explanações, a restauração do palacete também tem por objetivo contribuir para a requalificação do centro da cidade, gerando um espaço de qualidade para a região com a revitalização de um edifício ocioso e degradado.



# CAPÍTULO 1.

# O ECLETISMO

# NO ESTADO DE SÃO PAULO



## 1.1. As origens do ecletismo: da Europa ao Brasil

*“O Ecletismo era a cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso (especialmente quando melhorava suas condições de vida), amava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto.”*

(PATETTA, 1987, pág. 13-14)

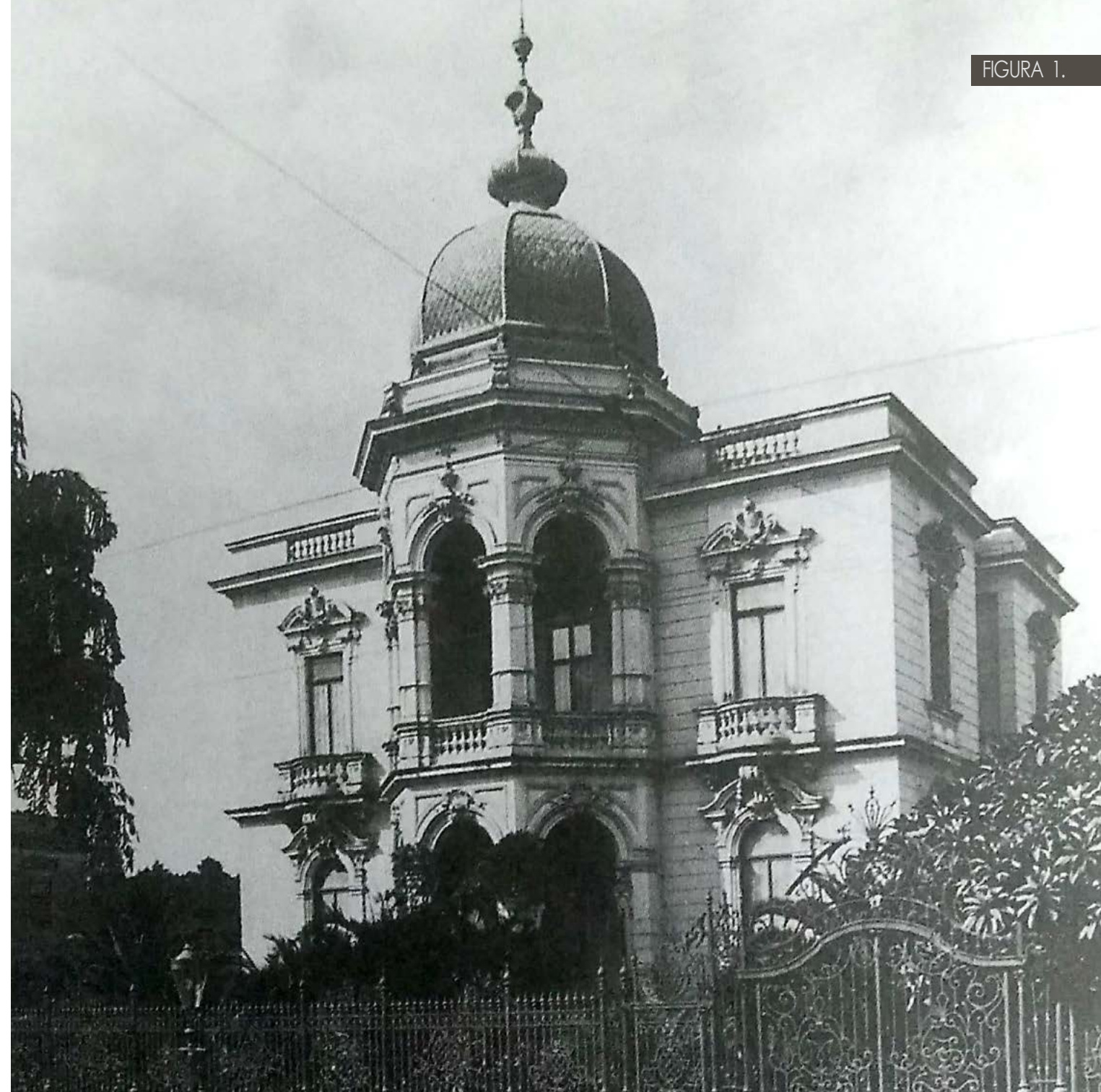
O ecletismo tem início no começo do século XIX na Europa, principalmente em decorrência da Revolução Industrial e da ascensão de uma nova classe social que surge a partir dela, a chamada burguesia industrial, que segundo Fabris (1993), é o elemento determinante do ecletismo, uma vez que o “novo rico”, que está inserido nesta nova classe, passa a ser o “encomendante” deste estilo. É neste contexto que podemos analisar o ecletismo e sua atitude poliestilística, que expressava não só o lado artístico, como também explicitava a nova organização social e cultural que estava

entrando em vigor, o que no Brasil, principalmente em São Paulo, pode ser traduzido através dos palacetes e casarões dos barões do café.

A volta ao passado regradada pelos ritmos da moda, dos padrões de consumo impostos pela produção industrial e materiais integrados a um léxico arquitetônico fantasioso, são algumas características ressaltadas por Argan (1974), que chamam a atenção no ecletismo, que também teve como metodologia fundamental a concepção da arquitetura como linguagem dotada de valores simbólicos e emotivos, não sendo por acaso a importância da fachada em um projeto eclético, onde concentram-se ornamentos e o uso de materiais novos para a época, que funcionavam como uma maneira de representar o “status” do chamado “encomendante” da obra. Neste contexto é válido lembrar também que, a arquitetura eclética possuía um caráter funcional. Com a ampliação dos meios de divulgação, como a facilitação na circulação de revistas, livros e enciclopédias, e o barateamento das viagens na época, há a grande difusão do estilo eclético, inclusive para além da Europa.

Juntamente com estes fatores que ampliavam a divulgação do estilo, há no Brasil, na segunda metade do século XIX, também transformações socioeconômicas, como a mudança da mão-de-obra empregada, passando do regime escravocrata para a mão-de-obra assalariada, o que facilitou a vinda de muitos imigrantes, principalmente europeus, para o Brasil, buscando melhores condições de vida, e ajudando na difusão do eclético em território nacional. É neste contexto de expansão e imigração que o ecletismo surge no Brasil, sendo o papel fundamental dos imigrantes na disseminação do estilo por aqui indiscutível, contudo, não é só devido a ele que o ecletismo ganhou forças em terras brasileiras, há também o gosto da elite local, que deseja reproduzir os modelos europeus e romper com o passado colonial.

FIGURA 1.



## 1.2. O ecletismo em São Paulo

Surgido no primeiro quarto do século XIX, o ecletismo buscava, como bem disse Carlos Lemos (1987), a “miscelânea”, a mistura de estilos, a tolerância a duas ou mais ideias em uma mesma obra. No Brasil, mais precisamente no estado de São Paulo, o ecletismo refletia na arquitetura a chegada do progresso e do poder econômico advindo do café que começava a se espalhar e gerar riquezas para o estado, que até então, no período colonial, era “esquecido” e isolado do restante do país.

É com a chegada do café no estado de São Paulo que chegam também os imigrantes europeus, vindos principalmente para trabalhar na lavoura cafeeira. Neste contexto, há também o surgimento das figuras de maior importância no período, os Barões do Café, que, juntamente com os imigrantes, fazem com que o ecletismo tome forma e tenha uma forte presença no estado, os imigrantes por conhecerem o estilo, ajudando na sua difusão, e os barões por serem a elite da época que queria, assim como já mencionado antes, romper com o passado

colonial, e reproduzir o estilo europeu do momento, que aos olhos da elite paulistana, exalava modernidade e riqueza, ou seja, era a elite cafeeira a “encomendante” do ecletismo em São Paulo.

Neste período, os construtores brasileiros, em sua maioria profissionais autodidatas, eram vistos como “importadores”, uma vez que, em sua grande maioria, apenas assimilavam modelos e referências e não elaboravam de maneira completa os projetos, importando não só materiais e elementos de ornamentação, como também o próprio desenho e as técnicas construtivas. E é com a importação destes novos materiais e referências que foram possíveis as construções de habitações mais confortáveis do que as que até então eram feitas, com traços mais rebuscados, fachadas mais ornamentadas, tendo nesta fase até os desenhos dos telhados alterados, ganhando com a importação das telhas do tipo “Marselha”, novos formatos, mais elaborados e funcionais. Diferentemente do que ocorria no ecletismo europeu, no Brasil,



os novos materiais, a exemplo do ferro, eram usados em elementos de destaque nos projetos, principalmente nas fachadas, uma vez que a elite local os tinham como símbolo da modernidade e do progresso da época.

A casa eclética paulistana, segundo Lemos (1987) era dotada ainda de algumas características predominantes, como o porão alto, as já citadas telhas do tipo marseilha, platibandas trabalhadas, “inspiradas” em modelos europeus, e entradas laterais descobertas, com corredores de aeração e iluminação e portões de ferro, essas características se fazem presentes inclusive no Palacete Camilo de Mattos, objeto de estudo deste trabalho.

Além destas características destacadas por Lemos, podemos também notar a adoção de recuos laterais, da planta compartimentada e do surgimento de cômodos que antes não existiam, como a “copa”, a “despensa”, os “quartos de engomar” e as dependências para os empregados, que evidencia também uma mudança social do período, com os trabalhadores domésticos passando a morar nas casas dos “patrões”.

É nesta época que surgem também as chamadas edículas, nome dado aos anexos que muitas vezes eram assobradados e tinham em seu térreo espaço para garagem, que surgia como algo novo, e também marcava o status do proprietário, uma vez que o automóvel

ainda estava começando a circular nas ruas e era visto como artigo de luxo, e as dependências para empregados em seu andar superior, algo que também pode ser observado no palacete a ser estudado neste trabalho.





# O RESTAURO E SUATEORIAS

CAPÍTULO 2.



## 2. 1. O restauro e suas primeiras teorias

O restauro como entendemos hoje, um campo disciplinar autônomo, é algo relativamente novo, que surgiu há pouco mais de um século, sendo antes entendido como um processo de cunho empírico, voltado apenas para o aspecto técnico. Hoje o entendemos como um processo muito mais amplo, sendo algo mais próximo de uma ação cultural do que apenas prática, contudo, essa visão começou a mudar apenas no final do século XVIII, sendo o restauro consolidado como um campo disciplinar autônomo apenas no final do século XIX. No século XIX surgem duas principais

vertentes teóricas e distintas sobre o restauro, uma delas cujo o seu principal representante era Viollet-Le-Duc (1814-1879), preconizava a volta do bem ao seu “estado original”, reestabelecendo o edifício ao seu estado completo, admitindo complementos e “refazimentos”, alcançando um resultado que poderia até não ter existido em algum período e ignorando a passagem do tempo pelo bem. A segunda vertente do período, que tinha como seus expoentes John Ruskin (1819-1900) e William Morris (XXXX-XXXX), pregava o respeito absoluto pela matéria original, propondo manutenções constantes,



## 2.2. As cartas patrimoniais e as teorias italianas contemporâneas de restauro

propondo manutenções constantes, preservando as marcas do tempo no bem, e preferindo a perda do monumento do que as chamadas “fasificações”, ou seja, ia no caminho oposto ao que a teoria de Viollet-Le-Duc preconizava, não admitindo que partes inteiras do monumento sejam refeitas de modo artificial.

No final do século XIX, Camilo Boitto, propõe uma “via intermediária” entre as teorias de Viollet-Le-Duc e Ruskin-Morris, onde retoma, amadurece e sintetiza vários conceitos e proposições que vinham sendo discutidos ao longo do século, criando um sólido embasamento para sua teoria, que levava em consideração o valor documental das obras e as marcas do tempo no monumento, ponderava também sobre acréscimos e renovações de maneira mais crítica e flexível, admitindo que se fossem necessários, os acréscimos deveriam ser feitos em materiais distintos dos originais, porém não destoantes ou que fossem datados, o que mais tarde será conhecido como restauro filológico. a figura de Alois Riegl teve suma importância para a consolidação do restauro como disciplina autônoma. Riegl estabeleceu normas para a

preservação do patrimônio cultural. Distanciou-se da discussão sobre monumentos fundamentada apenas no âmbito histórico-artístico no “Culto moderno aos monumentos” (1903), os considerando mais que apenas obras de arte. Buscava entender o monumento através de “valores” que por ele eram explicitados, como o “valor de antiguidade”, entendendo o papel dos monumentos históricos na sociedade e como ela os enxergava. Mesmo com as diversas vertentes teóricas acima explicitadas, segundo Kuhl (2004), as intervenções no século XIX e início do XX, buscavam, em sua maioria, um suposto “estado completo e original” do bem, o que resultou em críticas e debates acerca das perdas e deformações ocasionadas nos documentos históricos.

A Carta de Atenas, de 1931, nada mais foi que o documento resultante de uma reunião internacional que abordou como tema principal a restauração e preservação de monumentos históricos, colocando como principal necessidade a ação de inventariar estes monumentos, estendendo assim o conceito de respeito ao bem, manutenção e salvaguarda, não só destes, como também da fisionomia da cidade como um todo.

No contexto da Carta de Atenas de 1931, o nome de Gustavo Giovannoni tem grande destaque, sendo ele um dos principais elaboradores da carta, assim como também reelaborou a teoria de Camilo Boitto, reforçando ideias intermediárias entre as teorias de Viollet-Le-Duc e Ruskin,

ideias que se fazem presente na carta de 1931. Nesta carta, como destacado por Karina Kodaira no texto de sua monografia, que o valor documental das obras é enfatizado e consolidado, estando presente nela também a reflexão sobre o uso destes materiais e técnicas modernas nos restauros, como o uso do concreto armado, que é aceito, desde que estes materiais e técnicas não fossem empregados de forma camuflada.

Contudo, em meados do século XX a ênfase ao valor documental perde importância diante da destruição ocasionada pela Segunda Guerra Mundial e a necessidade de reconstrução da Europa, e neste momento passa-se a considerar então a configuração do monumento



e seus valores formais, sem, no entanto, desrespeitar os aspectos históricos do bem.

É neste momento que nomes como Cesare Brandi, Renato Bonelli, Roberto Pane e Paul Philippot surgem com novas teorias e ponderações sobre o restauro. A partir de 1930 as teorias começam a apresentar aspectos atuais, chegando a um consenso internacional em 1964, com a Carta de Veneza, que passa então a considerar a restauração como processo histórico-crítico, fundamentando-se em uma análise mais profunda da obra e não apenas em categorias pré-determinadas, surgindo assim o “restauro-crítico”. O nome de Cesare Brandi tem especial destaque neste período, a teoria Brandiana também prega o restauro em conjunto com o pensamento crítico, bem como associa todas as ações que o monumento sofre à sua definição de restauração, sendo parte do processo histórico-crítico, e destaca que a ciência e as características histórico-críticas deveriam se contrapor ao empirismo que dominava o campo do restauro, como mencionado do trecho a seguir:

“Por isso, definindo a restauração como momento metodológico do reconhecimento da obra de arte como tal, a reconhecemos naquele momento do processo crítico em que, tão só poderá fundamentar a sua legitimidade; fora disso, qualquer intervenção sobre a obra de arte é arbitrária e injustificável.”

(BRANDI, 2004. p.100)

No contexto contemporâneo, três vertentes teóricas destacam-se. A primeira vertente, que retoma discussões do século XIX, é a “**Pura Conservação**” ou “**Conservação Integral**”, que privilegia a instância histórica, encarando as ações de restauro e de conservação dos bens como ações opostas e inconciliáveis. “**Manutenção-Repristinação**” ou “**Hipermanutenção**”, outra vertente contemporânea do restauro de bens culturais, trata a obra por meio de manutenções e integrações e retoma formas e técnicas do passado. E temos a vertente que se fundamenta no juízo histórico-crítico do bem, a teoria “**Crítico-conservativa e Criativa**” ou “**Posição Central**”, que se baseia na teoria Brandiana, na releitura do restauro crítico e da própria Carta de Veneza, restauro assume postura conservativa, porém sem propor o “congelamento” das técnicas e dos materiais a serem usados como na hipermanutenção, aceitando, quando necessário, o uso de técnicas contemporâneas e recursos criativos, desde que estes não desrespeitem o bem, e que dentro do processo de restauro

seja feita uma análise profunda do edifício, de forma que cada caso seja tratado de forma individualizado. Por mais que as teorias contemporâneas sejam distintas em diversos aspectos, todas têm, por princípio, o respeito absoluto pelo bem cultural, seu valor documental e por seus aspectos históricos. Para este trabalho, a teoria de restauro a ser adotada como base teórica para a execução prática será a teoria “Crítico-conservativa e Criativa”, que adota a visão de que o restauro:

“Deve sempre ser ato de reinterpretção histórico-crítico voltado para a transmissão do bem para as próximas gerações e, portanto, uma ação que mantém sempre o futuro no horizonte de suas reflexões”.

(KUHL, 2004, p. 319)



## 2.3. A teoria Crítico-conservativa e Criativa

Defendida principalmente pelo teórico italiano Giovanni Carbonara, a teoria é baseada diretamente na teoria Brandiana, na releitura do restauro crítico, e fundamentada em princípio no conceito do juízo histórico-crítico e em uma diretriz crítico-conservativa, como explicitado pelo próprio autor supracitado no trecho ao lado.

Segundo Carbona (2016), a teoria crítico-conservativa “nasce da vontade de evidenciar a persistente validade das formulações do restauro crítico e brandiano”, sendo, a partir destas ideias, o restauro considerado como ato crítico, onde as instâncias estética e histórica devem ser analisadas do ponto de vista metodológico, defendendo a ideia

de que o projeto de restauro é único e deve ser tratado de forma individualizada e não como mera ação mecânica que segue apenas conceitos pré-estabelecidos. Deve, de maneira oposta, ser tratado como ação que tem, acima de tudo, respeito com o bem e com seu valor histórico, alertando ainda para ações inconsequentes que possam ser tomadas caso não haja uma análise profunda do objeto a ser restaurado, gerando possíveis danos irreparáveis.

A teoria crítico-conservativa e criativa ainda se pauta nas ideias de que as ações do tempo sobre o bem não podem ser revertidas, e na distinção entre passado e presente, que deve ser explícita em intervenções de restauro, não admitindo mimetismos ou imitações, valorizando a distinguibilidade e aceitando recursos criativos para tratar questões como a adição e reintegração de lacunas.

“Conservativa” porque parte do pressuposto que o monumento deve em primeiro lugar ser perpetuado e transmitido ao futuro nas melhores condições possíveis; além disso, a atual consciência histórica e sua maior sensibilidade aos bens da “cultura material” acarreta conservar muitas mais “coisas” que no passado. “Crítica” porque afirma que cada intervenção é um caso em si não enquadrável em categorias, não respondente a regras prefixadas, e reestuda profundamente caso a caso sem assumir posições dogmáticas ou de alinhamento nos confrontos dos problemas e soluções que o restauro suscita.”

(Carbonara, 2012, p.40-41)



# A cidade de Ribeirão Preto: suas origens, da economia cafeeira até os anos 1990

## CAPÍTULO 3.



## 3. 1. A fundação de Ribeirão Preto: seu contexto e crescimento inicial

Fundada em 1856, a cidade de Ribeirão Preto teve sua origem vinculada à presença de colonos mineiros que se dirigiam ao norte e nordeste do estado de São Paulo e ao desejo de se ocupar terras ainda não exploradas. Região de solo fértil, chamou a atenção desses colonos, que buscavam terras para a agricultura após o esgotamento do ciclo do ouro e, posteriormente, de agricultores do vale do Paraíba e de regiões fluminenses, que ali visavam instalar a cultura do café. A escolha da área para a implantação do povoado teve forte influência da Igreja, que à época exigia doação de uma área para a construção da futura matriz da cidade, sendo que tal área deveria estar em cotas mais altas e não alagadiças, mas próxima a rios e com topografia que favorecesse sua implantação, sendo assim, em 28 de março de 1863, houve a doação e delimitação

da área para a construção da Igreja de São Sebastião de Ribeirão Preto e para a praça XV de Novembro, localizada no ponto mais alto da gleba, iniciando ali a cidade<sup>1</sup>. Na segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento da economia cafeeira no estado de São Paulo, a cidade entra na zona de expansão do café. Em 1876, sendo isso fundamental para o seu crescimento, uma vez que foi a cultura do café que atraiu fazendeiros e imigrantes para a região.

Em 1883, com a chegada da Estrada de Ferro Mogiana, Ribeirão Preto passa a fazer parte da malha ferroviária brasileira, facilitando então o escoamento do café produzido na região, o que até então era feito pela ferrovia Santos-Jundiaí, transformando a cidade em um ponto nodal de extrema importância no interior do estado. Sendo elevada à cidade no dia 1 de abril de 1889,

<sup>1</sup> Ver mapa Ribeirão Preto final do século XIX.



e destacando-se como a maior produtora cafeeira da região. É no período de 1887 a 1912 que a cidade vive seu “boom” populacional, experimentando seu maior crescimento, 458,7%, saltando de 10.420 habitantes para 58.220. Muitos desses novos habitantes vindos de fora do país, principalmente da Itália, buscando uma melhoria nas condições de vida através do trabalho nas lavouras cafeeiras da região, o que fez com que novos loteamentos surgissem. Desde meados dos anos 1880 a cidade tem papel de destaque na região, e no período de 1914 a 1930, isso se mantém, com Ribeirão Preto liderando os municípios da região da Alta Mogiana no que tange a produção cafeeira. E é desta produção e economia que surge a necessidade da montagem de serviços na cidade, como o comércio para a venda da produção, o que compreendia a distribuição e transporte do produto das fazendas até os países europeus. Surgindo assim, em um primeiro momento, a figura dos Comissários, que acompanhavam e financiavam a produção, e que mais tarde deram lugar aos bancos e casas bancárias,

tendo Ribeirão Preto, seu próprio sistema bancário, que supria as necessidades da economia agroexportadora, mesmo que frágil e suscetível a crises. Sendo, posteriormente – por volta de 1919 – a única cidade do interior a receber a Câmara de Compensação de Cheques, órgão ligado ao governo federal que facilitava a atuação dos bancos, salientando sua importância econômica e geográfica.



FIGURA 4.

## 3. 2. O crescimento da cidade: as expansões e setorizações do centro

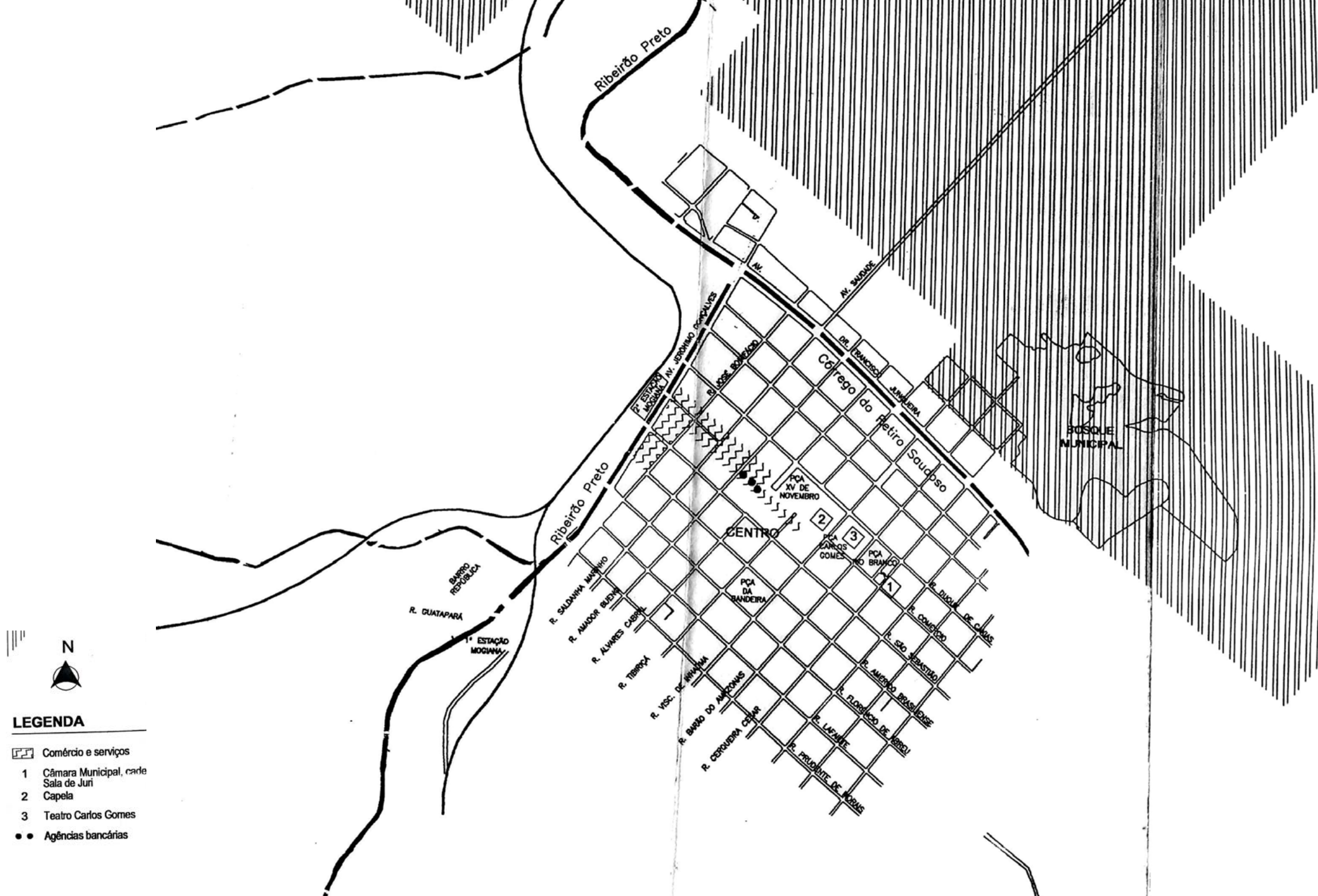
A formação do centro de Ribeirão Preto, como antes já mencionada, se deu devido à doação da área para a construção da então Matriz da cidade, hoje atual Praça XV de Novembro. Sendo assim, as quadras adjacentes foram ocupadas logo após a doação, tendo em seu entorno a implantação de edifícios que constituíam a administração pública da cidade, como a Câmara Municipal, a Sala de Sessões de Júri e a Cadeia, a sede de sociedades, edifícios comerciais e residenciais, e também a Praça Carlos Gomes. Com a transferência da Estação Mogiana - do bairro República (próximo à atual Av. Caramuru) para o início da rua do Comércio (atual rua Visconde de Inhaúma)<sup>2</sup>, aproximando-se

2

Ver mapa Ribeirão Preto Final do século XIX

MAPA 1.  
**RIBEIRÃO PRETO**  
final do século XIX

Fonte: CALIL JR., Ozório. O centro de Ribeirão Preto: os processos de expansão e setorização. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2003.





do centro, há a necessidade de obras de infraestrutura urbana, como a abertura da Av. Jerônimo Gonçalves. Tendo assim a estação se transformado em um novo elemento direcionador do fluxo de pessoas e mercadorias, e ocasionando a primeira expansão do centro, fazendo a ligação da região da estação com a praça. Nas áreas adjacentes, onde há a supramencionada implantação da praça Carlos Gomes, houve em 1897, a construção do Teatro Carlos Gomes, edifício eclético, de linhas simples projetado pelo Engenheiro Ramos de Azevedo. Com a demolição da primeira matriz que deu origem à cidade em meados dos anos 1900, as praças XV de Novembro e Carlos Gomes passam a ter características culturais e de lazer, sendo o uso religioso transferido para a atual Praça da Bandeira, também nas proximidades, e que até hoje abriga a Catedral da cidade<sup>3</sup>. No final dos anos 1910, há também a implantação dos edifícios da Sala de Júri e Cadeira e do Palácio Rio Branco, sede do legislativo e posteriormente do executivo da cidade (função que mantém até hoje),

transformando a região próxima em administrativa. No início dos anos 1920 há a construção do Palacete do Dr. Camilo de Mattos em um dos quarteirões adjacentes a praça XV de Novembro, sendo uma de suas fachadas voltada para a praça. Com o crescimento da atividade comercial na cidade e a construção de novas edificações, há, na década de 1920<sup>4</sup>, a modernização e a segunda expansão do centro, tendo a camada mais alta da sociedade Ribeirão-pretana, nos anos seguintes, se deslocado para uma área localizada ao sul, onde hoje localiza-se o bairro de Higienópolis. O que levou à mudança de uso de alguns dos palacetes que antes serviam como residência para essa camada da população, como exemplo, o casarão do Cel. Joaquim Firmino, que ficava nas proximidades, e passou a abrigar a Faculdade de Farmácia e Odontologia. Sendo assim, a paisagem urbana da cidade começa a se modificar, com as novas edificações contrastando com o estilo arquitetônico das antigas e com as atividades comerciais sendo

diversificadas na área central. No começo dos anos de 1930, há a repercussão da chamada crise de 1929<sup>5</sup>, e devido a ela, que afetou a produção cafeeira da região, a cidade teve sua menor taxa de crescimento populacional até então, contudo, a cidade mantém-se como uma das regiões mais produtivas do estado de São Paulo, devido à substituição de parte das lavouras de café pela cultura da cana-de-açúcar e pelo início da atividade industrial na cidade, que teve um significativo crescimento nesta década. Com o crescimento populacional e territorial destas décadas, houve também a ampliação dos serviços e equipamentos urbanos, bem como a realização de obras de saneamento nas áreas alagadiças e arborização de praças e ruas. É nesta época de diversificação da base da economia da cidade, nos anos 1930, que um dos edifícios mais simbólicos e conhecidos do ribeirão-pretano, juntamente com o denominado Quarteirão Paulista - quarteirão localizado entre as ruas Gen. Osório, Álvares de Cabral e Duque de Caixias, onde encontram-se os edifícios do Teatro D. Pedro II e da Choperia Pinguim - tem suas paredes erguidas, o

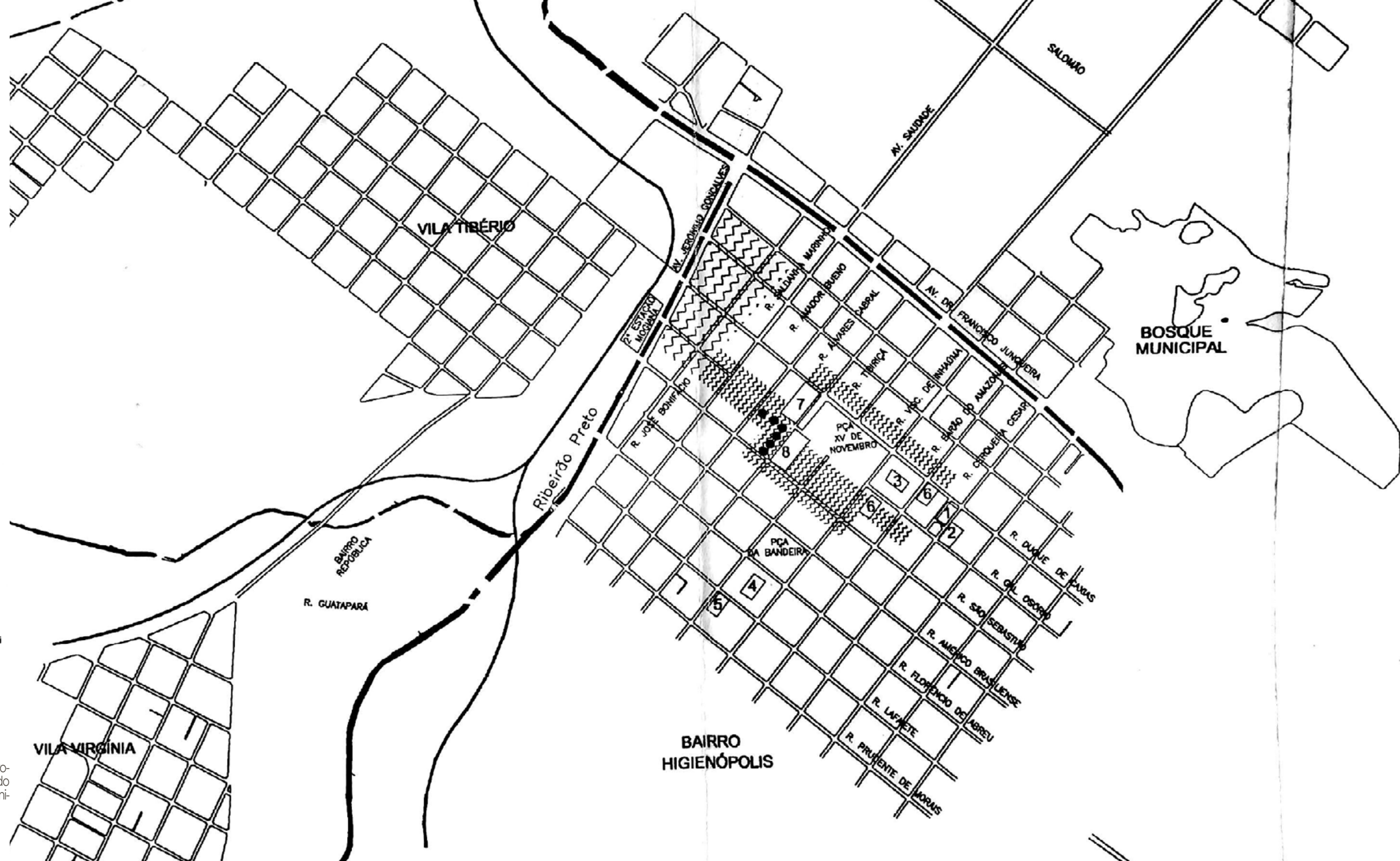


FIGURA 5.

5 Crise de 1929, ou também conhecida como a Grande Depressão, teve início em outubro de 1929, com o crash da bolsa de valores de Nova York devido à superprodução de produtos industrializados dos EUA, levando à falência vários empresários e acionistas, que perderam grandes quantias em pouquíssimo tempo, e ao encerramento das atividades de diversos bancos. A crise impactou diretamente vários outros países, dentre eles o Brasil, que tinha sua economia baseada principalmente na agroexportação e na cultura cafeeira, sendo que o café era negociado na bolsa de NY, e que teve seu pior período de vendas datado desta época, tendo surtido efeito na economia das principais cidades produtoras, como Ribeirão Preto.

3 Ver Mapa centro Ribeirão Preto meados de 1920

4 Ver Mapa centro Ribeirão Preto meados de 1920



#### LEGENDA

- Setor da Praça
- Setor da Estação
- 1 Palácio Rio Branco
- 2 Sala de Juri e Cadeia
- 3 Teatro
- 4 Catedral
- 5 Palácio Episcopal
- 6 Sociedades Recreativa e Dante Alighieri

## MAPA 2. CENTRO de RIBEIRÃO PRETO de 1920 a 1940

Fonte: CALIL JR., Ozório. O centro de Ribeirão Preto: os processos de expansão e setorização. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2003.

MAPA 3.

# CENTRO de RIBEIRÃO PRETO de 1940 a 1960

Fonte: CALIL JR., Ozório. O centro de Ribeirão Preto: os processos de expansão e setorização. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2003.

N

LEGENDA

Setor da Praça

Setor da Estação

Eixos Comerciais

Agências Bancárias

1

Palácio Rio Branco

2

Câmara Municipal

3

Fórum

4

Catedral

5

Palácio Episcopal

6

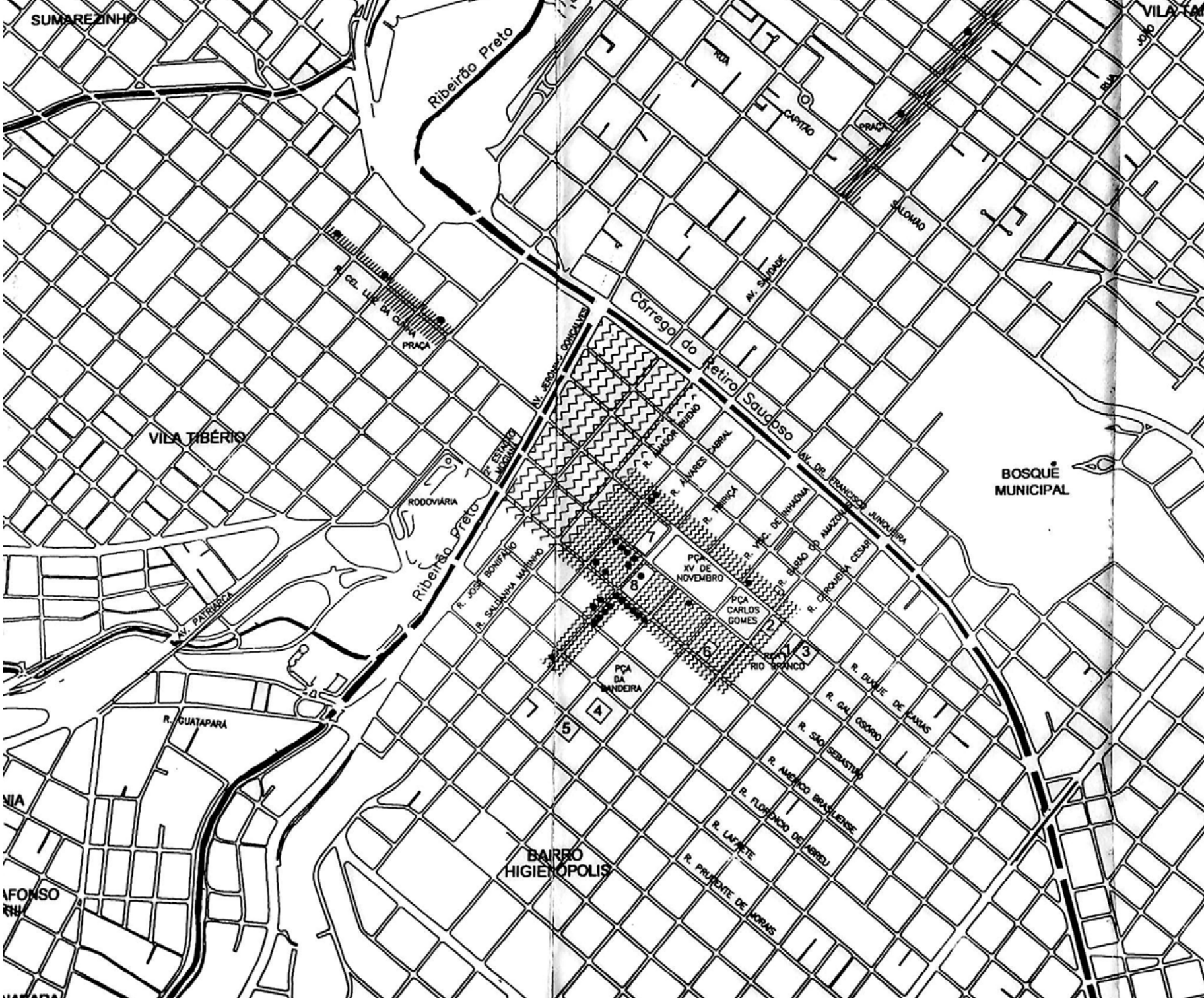
Sociedade Dante Alighieri

7

Quartelão Paulista

8

Edifício Diederichsen





edifício Diederichsen, que simboliza o período de crescimento industrial, localizado na Rua Álvares de Cabral, com faces para as ruas Gal. Osório e São Sebastião. localizado na Rua Álvares de Cabral, com faces para as ruas Gal. Osório e São Sebastião. Assim como o edifício Diederichsen, que exalava os ares da modernidade da época, o Quarteirão Paulista, mesmo datado de um período ligeiramente anterior, também carrega em seus traços e usos essa característica. Concebido como um empreendimento da Cia. Cervejaria Paulista,

uma importante indústria de cerveja da época localizada na cidade, ele compreende o Hotel Central, um edifício de escritórios que abrigava em seu térreo a cervejaria (atual cervejaria Pinguim, um dos marcos mais famosos de Ribeirão Preto), e o Teatro D. Pedro II, tendo traços e estilos arquitetônicos diferenciados, tendo o hotel linhas mais retas e os demais edifícios adotando características ecléticas. É neste contexto que os casarões, antigas residências da classe mais abastada da população e em sua maioria com características da arquitetura

eclética do período cafeeiro, sofrem com a onda de demolições que ocorre no centro, tendo a maioria sendo demolida para dar espaço às novas construções que explicitavam a modernidade e a maior diversificação dos usos que o centro agora abrigava. É neste contexto também que entre os anos de 1944 e 1946, o Teatro Carlos Gomes foi demolido, mudando ainda mais a paisagem do centro da cidade.

Com a expansão e a migração das classes mais abastadas da sociedade para loteamentos próximos, ocorre a setorização do Centro, dividindo-se em 2 setores principais: o setor da praça XV de Novembro e o setor da Estação Mogiana, tendo cada um deles

uma função e um tipo diferenciado de comércio e serviços. No entorno da praça XV de Novembro, localizam-se a administração municipal, o judiciário, o teatro, sede de clubes, escolas, comércio e serviços diversos e algumas residências que ainda permaneceram, atraindo assim a maior parte da população da cidade, que tinha ali o seu principal ponto de encontro, compras e lazer, atividades que até hoje se mantêm no entorno da praça, porém com menor destaque. Já no setor da Estação localizavam-se os hotéis e hospedarias, mas indústrias e comércio com um viés complementando as atividades do setor da praça e ao mesmo tempo, tendo função diferente deste outro setor.

FIGURA 6.



FIGURA 7.





### 3.3. As intervenções no centro: a melhoria e ampliação da infraestrutura da cidade e seu embelezamento

Assim como nas capitais brasileiras, Ribeirão Preto também passou por intervenções e reformas urbanísticas, influenciadas principalmente pelo urbanismo oitocentista europeu, principalmente o chamado modelo Haussmann.<sup>6</sup>

As ações desenvolvidas na cidade no final do século XIX até os anos 1940, visavam principalmente o saneamento da cidade, a fim de se evitar epidemias, e também o seu embelezamento. Segundo Ozório Calil Jr (2003, 91), no período anterior ao início das reformas urbanas do centro de Ribeirão Preto, a cidade era vista, principalmente pelos viajantes que por ali passavam como “um local de poeira e lama”.

Em 1897 têm início as obras de urbanização da cidade, com canalização da água, instalação da rede de luz elétrica, e no ano de 1903 ocorre a implantação da rede de esgoto e a pavimentação das principais ruas do centro, com paralelepípedos e com macadame, uma mistura de brita e saibro, que posteriormente, nos anos de 1920, foi substituída também pelo paralelepípedo. Ainda nos anos 1920, há a reforma e implantação de novas praças, entre elas a reforma da Praça XV de Novembro, e a implantação de novas ruas e de quatro principais avenidas, que mantêm sua importância na cidade até os dias atuais. Houve a implantação das avenidas 9 de Julho, Independência, Jerônimo Gonçalves e Dr. Francisco Junqueira, sendo estas duas últimas implantadas junto aos córregos Ribeirão Preto

e Retiro Saudoso, respectivamente<sup>7</sup>. Na implantação destas duas avenidas que margeiam os principais afluentes que cortam a cidade, foram realizadas também obras de canalização e retificação desses rios. Em todas as avenidas houve o plantio de árvores, como as famosas palmeiras imperiais da Av. Jerônimo Gonçalves, que até hoje são consideradas um marco na cidade, e árvores de grande porte nas demais avenidas.

Nos anos de 1937 e 1938 ocorre a última significativa remodelação da Praça XV de Novembro, intervenção essa que a deixa com as características atuais, nesta remodelação há a adoção de um traçado geométrico para a praça, bem como há a construção da fonte luminosa e de um monumento em bronze, que existem na praça até os dias atuais. Estas reformas e melhorias foram de suma importância para que Ribeirão Preto pudesse crescer de forma adequada e condizente com o status que a cidade possuía a época.



FIGURA 8.

<sup>6</sup> Modelo de reformas urbanistas aplicadas na cidade de Paris em meados dos anos 1800, na França, aplicadas pelo então prefeito Haussmann.

<sup>7</sup> Ver mapa do centro de Ribeirão Preto em meados de 1940

MAPA 4.

# CENTRO de RIBEIRÃO PRETO de 1970 a 1980

Fonte: CALIL JR., Ozório. O centro de Ribeirão Preto: os processos de expansão e setorização. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2003.

N

LEGENDA

Setor da Praça

Setor da Estação

Eixos Comerciais

Comércio Especializado

Agências Bancárias

1 Palácio Rio Branco

2 Câmara Municipal

3 Fórum

4 Catedral

5 Palácio Episcopal

6 Sociedade Dante Alighieri

7 Quarteirão Paulista

8 Edifício Diederichsen



MAPA 5.

# CENTRO de RIBEIRÃO PRETO de 1980 a 2002

Fonte: CALIL JR., Ozório. O centro de Ribeirão Preto: os processos de expansão e se-  
torização. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Engenharia de São  
Carlos da Universidade de São Paulo, 2003.

N

LEGENDA

Setor da Praça

Setor da Estação

Habitação verticalizada de alta renda

Eixo Comercial

Comércio Especializado

Agências Bancárias

1

Palácio Rio Branco

2

Museu de Arte Moderna

3

Câmara Municipal

4

Catedral

5

Palácio Episcopal

6

Sociedade Dante Alighieri

7

Quartelão Paulista

8

Edifício Diederichsen





## 3. 4. O centro de 1940 até o centro dos anos 2000: as mudanças, novas setorizações e sua verticalização

Até os anos 1950, a região de Ribeirão Preto se destacava principalmente na agricultura, tendo apenas um pequeno parque industrial, voltado apenas para o processamento dos produtos que vinham do campo. Contudo, a partir de 1956, o plano de metas<sup>8</sup> implementado pelo governo do então presidente Juscelino Kubitschek, fez com que o parque industrial crescesse, e fossem implementadas ali indústrias de diversos setores, gerando um profundo impacto urbano na cidade, que teve um aumento populacional relevante e uma significativa mudança na sua estrutura social, com um grande crescimento de sua classe média, tendo a cidade se expandido para abrigar os novos moradores.

Com esse crescimento populacional, e

principalmente da classe média, o centro da cidade, que abrigava a maioria das atividades dos setores comercial e industrial até então, passou por mudanças, principalmente em sua setorização, que passou a ser não apenas funcional, mas também social, separando o centro em dois “setores”<sup>9</sup>, o setor de comércio e serviços de luxo, localizado no entorno da praça XV de Novembro, voltado para a população de maior renda, e o setor do comércio popular, voltado para a população de renda menor. E é neste contexto e setorização que nos anos 1960 o centro de Ribeirão Preto vive o início de seu processo de verticalização de forma mais intensa. Em um primeiro momento, com os edifícios mais altos sendo construídos

para o comércio, o que logo em meados dos anos 1970 mudou, passando a maioria dos prédios mais altos a serem destinados à habitação. Nos anos 1980, o processo de verticalização voltado para a habitação continua, ampliando assim a função residencial do centro e do vizinho bairro Higienópolis, o que confere uma maior vitalidade para a região, tendo os seus espaços usos contínuos.

Nos anos 1970 e 1980 o centro passa por mais mudanças, com a transferência do “comércio de luxo” para perto dos bairros onde a classe de maior renda residia agora, iniciando o processo de abandono do centro pela elite, que teve como consequência, no começo dos 1980 o deslocamento das atividades de lazer e entretenimento para outros pontos da cidade, gerando o seu processo de popularização. Nos anos 1990 há a implementação do calçadão<sup>10</sup>, que nada mais foi que o fechamento de 8 quarteirões apenas para a circulação de pedestres, impulsionando ainda mais o comércio, principalmente no entorno da Praça XV de Novembro, que permanece até os dias atuais.



FIGURA 9.



FIGURA 10.

<sup>8</sup> O Plano de Metas foi um programa do governo federal implementado pelo então presidente Juscelino Kubitschek para impulsionar o crescimento, modernização e industrialização do país.

<sup>9</sup> Ver mapa de setorização centro de Ribeirão Preto nos anos 1960

<sup>10</sup> Ver mapa centro de Ribeirão Preto nos anos 1990



CAPÍTULO 4.

# O centro de Ribeirão Preto e seus usos: uma análise atual



## 4.1. Uma análise atual do centro da cidade de Ribeirão Preto

O centro da cidade de Ribeirão Preto há algumas décadas viveu um processo de esvaziamento, onde parte da população que ali residia mudou-se para outros bairros, fazendo com que a maior parte dos edifícios da região mudasse seu uso, de residencial para comercial e de serviços, assim permanecendo até os dias atuais, onde os edifícios comerciais e de serviços são maioria.

Como já mencionado antes, o centro do município de Ribeirão Preto sofreu, junto com seu esvaziamento, um processo de popularização, no qual o comércio de artigos de luxo migrou para os shoppings da cidade, restando ali apenas o comércio popular, processo que tentou ser revertido com a implantação do calçadão, que acabou por ter efeito oposto, impulsionando ainda mais o comércio popular na região, que hoje funciona como forte atrativo para a po-

pulação dos demais bairros da cidade, que vão pra o centro fazer compras, buscando melhores preços. Com a ocorrência destes processos, o centro viu a sua “desvalorização social” acontecer, sendo hoje em dia considerado pela população um lugar indesejável para residir e frequentar fora do horário de funcionamento do comércio local, devido à falta de segurança, uma vez que após o fechamento dos estabelecimentos comerciais, ela esvazia-se.



Ao mesmo tempo, contrastando com esta desvalorização, a especulação imobiliária na região tornou-se ainda maior, uma vez que a área, que já não possuía vazios para construção de edifícios comerciais e de serviços, tinha, e ainda hoje tem, grande procura por imóveis para a instalação destes usos, o que gera até os dias atuais várias demolições, principalmente de construções residenciais, que são substituídas por edifícios de uso misto ou lojas<sup>11</sup>. Na área próxima à Praça XV de Novembro, no coração do centro da cidade, onde o palacete está inserido, podemos verificar através do mapa de uso e ocupação que a maioria das construções da região, como já salientado anteriormente, tem finalidade comercial ou abrigam salas e espaços destinados a serviços diversos, bem como também

também há a presença de edifícios mistos, que ainda preservam a função “do morar” no centro, contudo, são poucos ou quase inexistentes os edifícios e casas destinadas apenas para uso residencial. A região ainda conta com lotes voltados ao uso institucional, como equipamentos da administração pública, tal qual o edifício que abriga o arquivo público, o casarão ocupado pelo MARP (museu de arte de Ribeirão Preto) e o Palácio Rio Branco, sede do executivo municipal, o que acaba por polarizar muitos dos serviços da região. Ainda sobre as edificações do centro, por ser uma área de ocupação antiga, há a presença de alguns edifícios de estilos arquitetônicos que nos remetem a décadas passadas, muitos ainda em uso e descaracterizados, alguns tombados, porém poucos em bom estado, o que justifica a necessidade de conservação dos que ainda estão “de pé”, uma vez que fazem parte da história e da memória do ribeirão-pretano<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Ver mapa de uso e ocupação atual do recorte do centro de Ribeirão Preto analisado.

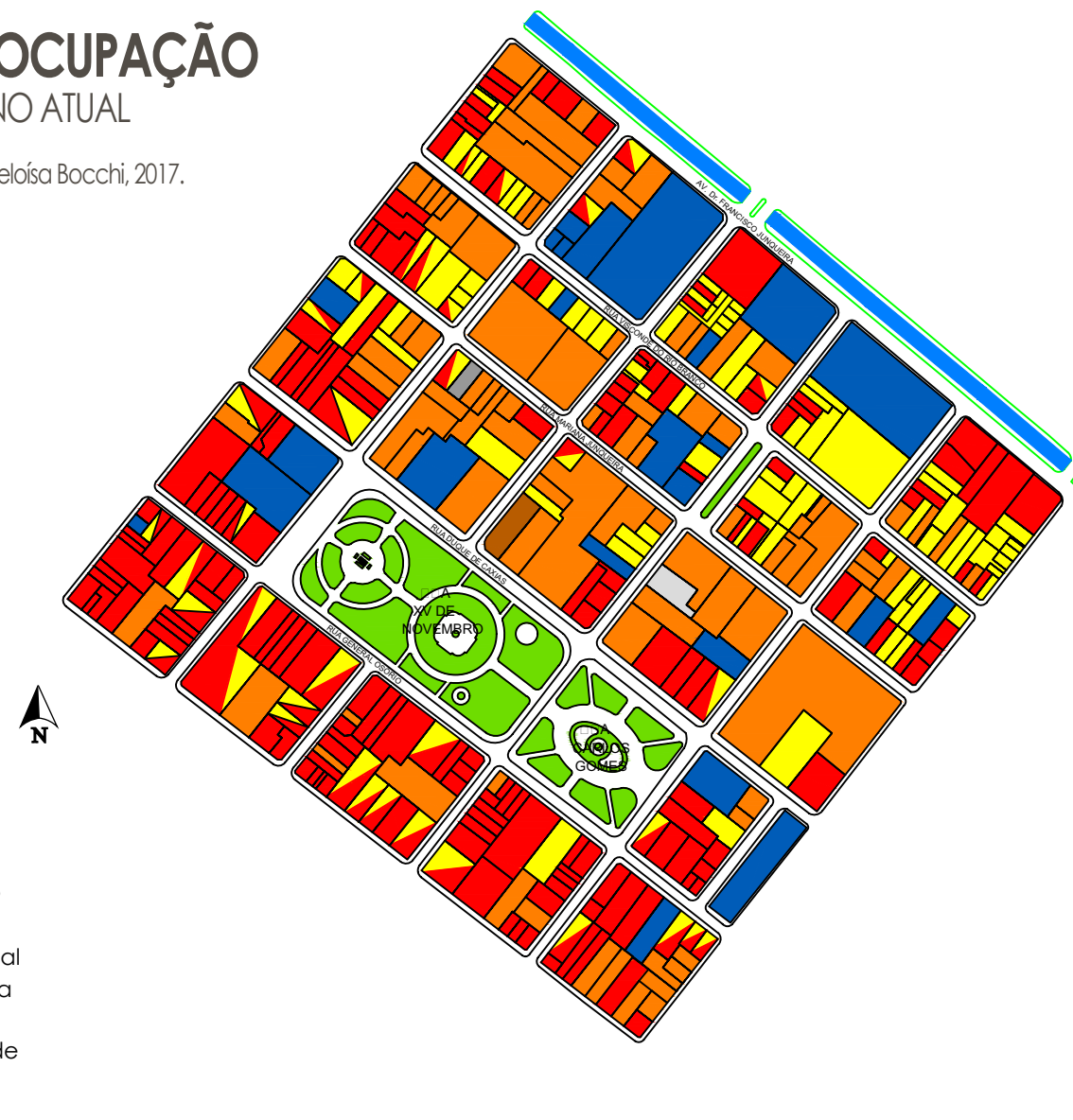
Obs.: quadrilátero analisado neste trabalho compreende as quadras entre as Ruas São Sebastião, Amador Bueno, Cerqueira César e a Avenida Jerônimo Gonçalves, onde o centro da cidade teve seu início e também onde está inserido o Palacete Camilo de Mattos, objeto de estudo deste trabalho.

<sup>12</sup> Ver mapa de edifícios do entorno.



## MAPA 6. USO E OCUPAÇÃO O ENTORNO ATUAL

Esc. 1:5.000  
Elaboração: Heloísa Bocchi, 2017.



Quanto ao gabarito das edificações da área, podemos notar que não há uma uniformidade, contando tanto com edificações térreas como também de múltiplos pavimentos, como podemos ver no mapa de gabaritos<sup>13</sup>, gerando para o pedestre diferentes sensações conforme transitam pelas ruas da região, podendo sentir-se mais à vontade ao caminhar por trechos com gabaritos mais baixos ou áreas arborizadas, como nas margens da praça XV e Carlos Gomes, ou intimidado ao caminhar por lotes com grandes muros, como os dos estacionamento ali presentes.

Além dos aspectos das construções da região, para uma análise completa e o melhor entendimento da região, devemos também nos atentar ao estado e a qualidade das vias, passeios e espaços públicos do entorno.

No centro, próximo ao palacete Camilo de Mattos, há o supramencionado calçadão, que em meados de 2015 teve sua obra de requalificação concluída, tendo atualmente seu calçamento em

em bom estado, com bancos para descanso da população e boa iluminação, assim como as praças XV de Novembro e Carlos Gomes, que estão em bom estado de conservação, com vegetação bem cuidada e tendo o chafariz da praça XV de Novembro funcionando todos os dias, contudo, em alguns trechos o calçamento necessita de reparos. Já nos calçamentos dos passeios das outras vias adjacentes da região, há a necessidade e um maior cuidado e de reparos, inclusive no do próprio casarão, que está danificado em alguns pontos, principalmente devido à grande árvore locada na esquina do terreno. Quanto as vias em si, assim como em quase toda a cidade, o asfalto da região carece de reparos e recapeamento em alguns trechos, o que dificulta e muitas vezes põe em risco a segurança de motoristas e pedestres.

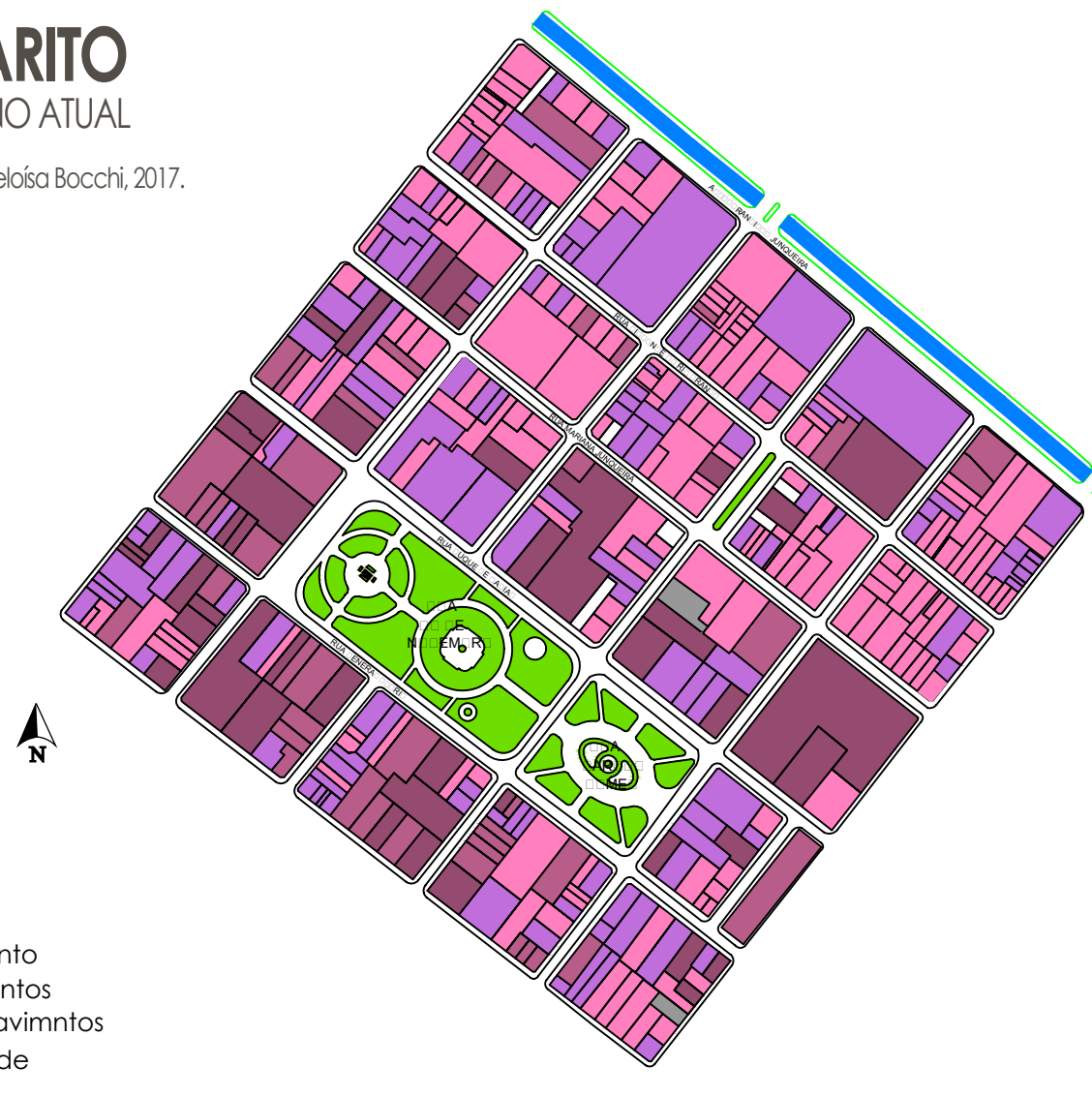
Após observar estes aspectos da região é que podemos entender melhor a dinâmica local. Com intenso fluxo de pedestres e de veículos durante o dia, a vida diurna da região é agitada, porém, apenas em horário comercial e de segunda a sábado, uma vez que o



## MAPA 7. GABARITO O ENTORNO ATUAL

Esc. 1:5.000

Elaboração: Heloísa Bocchi, 2017.



### LEGENDA:

- Térreo
- 1 Pavimento
- 2 Pavimentos
- 3 ou + Pavimntos
- Área Verde
- Vazio

<sup>13</sup> Ver mapa de gabaritos atual do recorte do centro analisado.



FIGURA 12.



FIGURA 13.

a área passa a esvaziar-se, com pouco uso no período noturno, tendo apenas a famosa choperia Pinguim e o Teatro D. Pedro II como atrativos para a população durante a noite, salvo ocasiões em que há eventos na esplanada do Teatro, ou na praça XV de Novembro, o que acontece com menos frequência do que o desejado, a exemplo da feira do livro, que ocorre uma vez por ano apenas e dura cerca de duas semanas, mudando a dinâmica da região. Devido a isso, durante a noite a região fica quase deserta, tendo apenas fluxos de veículos, que também é menos intenso que durante o dia, o que gera grande sensação de insegurança na população, que acaba por não utilizar os espaços públicos da área no período.

Há na prefeitura municipal um projeto para a revitalização do centro da cidade, uma ideia antiga que a administração municipal tem desde meados dos anos 2000, e que está sendo posta em prática em partes. Há dentro deste projeto de maior abrangência, projetos menores, que englobam a melhoria do trânsito na região, que chega a ser



## MAPA 8. EDIFÍCIOS DO ENTORNO ATUAL

Esc. 1:5.000  
Elaboração: Heloísa Bocchi, 2017.



caótico em determinados momentos do dia devido ao grande fluxo de veículos e vias antigas e estreitas, bem como a melhor estruturação e infraestrutura do transporte público, obras de combate às enchentes e de requalificação da Av. Jerônimo Gonçalves, a restauração do mercado municipal e do centro popular de compras e também a manutenção, requalificação e melhoria do calçamento. Estas obras, que já foram implementadas ou estão em processo de implementação, geraram melhorias perceptíveis para os usuários da região, porém sem ainda resultar na sua real requalificação, uma vez que, apenas obras de infraestrutura urbana não são suficientes para a total requalificação de uma área, é preciso também estimular e fomentar ações que restaurem as construções históricas da região, que são, em sua maioria, propriedades privadas, não deixando edificações abandonadas que contribuem para a degradação e desvalorização da área e da história da cidade, bem como estimular a população a frequentar o centro nos diversos períodos do dia através da promoção

de ações culturais na região, a transformando em ponto atrativo para os moradores cidade. É neste contexto que está inserido o projeto deste trabalho, que visa usar a restauração de um palacete eclético da área para ajudar em sua requalificação, dando a ele novo uso e proporcionando a população mais um espaço de convivência e serviços.



## CAPÍTULO 5.

# O Palacete Camilo de Mattos



## 5. 1. Histórico da edificação: a figura de Camilo de Mattos e a dúvida sobre a autoria do projeto

Construído no começo da década de 1920 no centro da cidade de Ribeirão Preto, o Palacete Camilo de Mattos, de arquitetura eclética e fachada imponente, ainda relembra o ribeirão-pretano que por ali passa, da riqueza e da importância que a cidade possuía na época áurea do café, sendo um dos últimos exemplares de outrora que ainda resistem ao tempo e a especulação imobiliária na cidade. Segundo consta na ficha de identificação do bem para tombamento, o casarão possivelmente começou a ser edificado entre os anos de 1920 e 1921, em terreno localizado no número 625 da rua Duque de Caxias, esquina com a rua Tibiriçá, com a finalidade de servir como residência para o advogado Joaquim Camilo de Moraes de Mattos e sua família.

O encomendante da construção, figura de destaque à época, Camilo de Mattos, como ficou conhecido na cidade, nasceu em 1892, na cidade de Barbacena, MG, e mudou-se para Ribeirão Preto apenas em 1917, logo após concluir seus estudos em direito na faculdade do Largo do São Francisco, em São Paulo. Mattos, devido a seu destaque profissional, alcançou grande destaque no município, acumulou riquezas e teve participação ativa na vida política da cidade, sendo vereador por três mandatos e vice-prefeito, chegando a assumir o cargo de prefeito de Ribeirão Preto por um curto período, tendo em toda sua vida pública realizado benfeitorias em diversas áreas, como na saúde, conseguindo para a cidade sua primeira ambulância, na segurança pública, trazendo

bem como em outras áreas, colaborando também com a fundação do Educandário Quito Junqueira e da fundação Sinhá Junqueira, com trabalhos de orientação e benemerência. Era casado com Maria das Dores Gomes de Mattos, com quem teve três filhos. Viveu com a família no palacete até seu falecimento precoce, em agosto de 1945. A figura de Camilo de Mattos é lembrada até hoje na cidade, sendo o nome de uma rua de grande fluxo no bairro Jardim Paulista e tendo em 1975, sido erigido um busto de sua figura na praça XV de Novembro, em frente ao palacete, homenagem prestada pela Ordem dos Advogados do Brasil. É importante salientarmos que mesmo Camilo de Mattos não sendo um dos barões do café da época, ele tinha forte influência na sociedade e grande contato com vários desses barões, devido principalmente a ser uma figura política de importância da cidade, sendo assim, é justificada a influência do café e da arquitetura singular do período em sua residência. Uma vez que a sociedade e a economia ribeirão-pretana, à época tinham forte

influência da cultura cafeeira. Ainda sobre a edificação do palacete, pouco se sabe ao certo sobre o projeto e sua execução, uma vez que não há registros da construção no arquivo público da cidade, bem como também não consta as plantas e o projeto original junto aos registros municipais. Contudo, segundo alguns autores, como Valadão (1997), que é citados na ficha de identificação do bem, o autor do projeto seria o engenheiro-arquiteto Antônio Soares Romeo, que na época era engenheiro municipal em Ribeirão Preto, sendo a construção finalizada no ano de 1922. Contudo, há na mesma ficha de identificação do bem, em outro trecho, a informação sobre uma declaração dada por Luiz Augusto Gomes de Mattos, filho de Camilo de Mattos, que identifica como responsáveis pela construção o engenheiro Antônio Terreri e o construtor Paschoal de Vicenzo, sendo assim, acredita-se que o projeto possa ser de autoria de Antônio Soares Romeo, tendo Antônio Terreri e Paschoal de Vicenzo sido os construtores, contudo, não se pode afirmar com plena certeza isto.

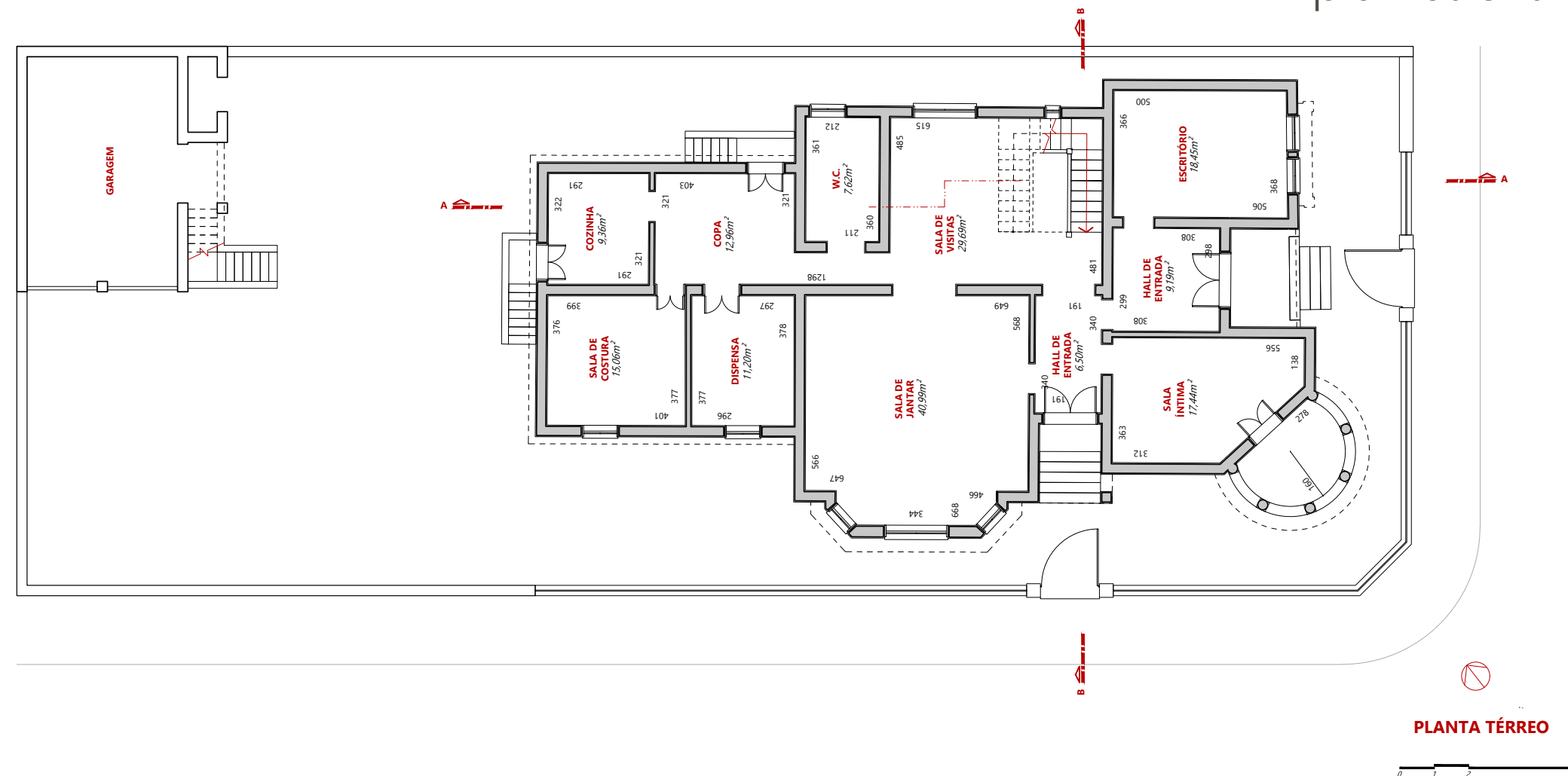


FIGURA 14.

# Palacete

## plantas existentes

Ainda sobre a implantação e o exterior da residência, podemos ressaltar o pórtico que a eleva do solo, também há a presença de um jardim planejado, algo que as residências da época na cidade começavam a apresentar, e também fachadas ornamentadas, com uso de vitrais com inspiração art-nouveau, assim como as grades e a porta principal de ferro ornamentadas.



Ainda sobre o exterior do palacete, a fachada conta com um torreão, um elemento curvo, semicircular que se destaca a um primeiro olhar, elemento que enobrece a fachada do edifício, que, no térreo funcionava como uma varanda, e no pavimento superior inicialmente tinha função semelhante, sendo uma sacada para um dos quartos, que posteriormente transformou-se em um banheiro, sendo fechado por janelas com vidros, há também uma segunda alteração no torreão, mais precisamente em sua cobertura, como podemos notar através de imagens antigas do palacete e pelas imagens atuais.

No que a tange a edificação e seu sistema construtivo, segundo consta na ficha de identificação do bem, e como podemos notar em algumas imagens feitas durante uma visita a edificação, o palacete foi construído em alvenaria de tijolos de barro autoportantes com rejunte de barro e argamassa, seu telhado foi executado em estrutura de madeira com telhas cerâmicas francesas e, com exceção das portas externas das fachadas principais que eram de ferro e vidro, todas as outras esquadrias da residência eram de madeira e vidro.

Quanto ao seu interior, podemos destacar a planta compartimentada, com modelo tripartido comum à época e mais uma característica da arquitetura burguesa do início século XX. A residência era dividida em cômodos destinados ao que seria a “área social”, que ficava no térreo, próxima a entrada principal da residência e era composta pelos seguintes cômodos: um escritório destinado ao Sr. Camilo de Mattos, um hall, uma sala de jantar, uma sala de visitas, bem como um banheiro para uso social. Ainda no térreo podemos encontrar também a “área de serviço” do palacete, que era composta pela cozinha, uma despensa, uma copa e um quarto de costura, que ficavam mais distantes da entrada principal da residência. Em seu pavimento superior estava locada a “área íntima” da residência, onde ficavam os dormitórios, banheiros e um terraço<sup>14</sup>.

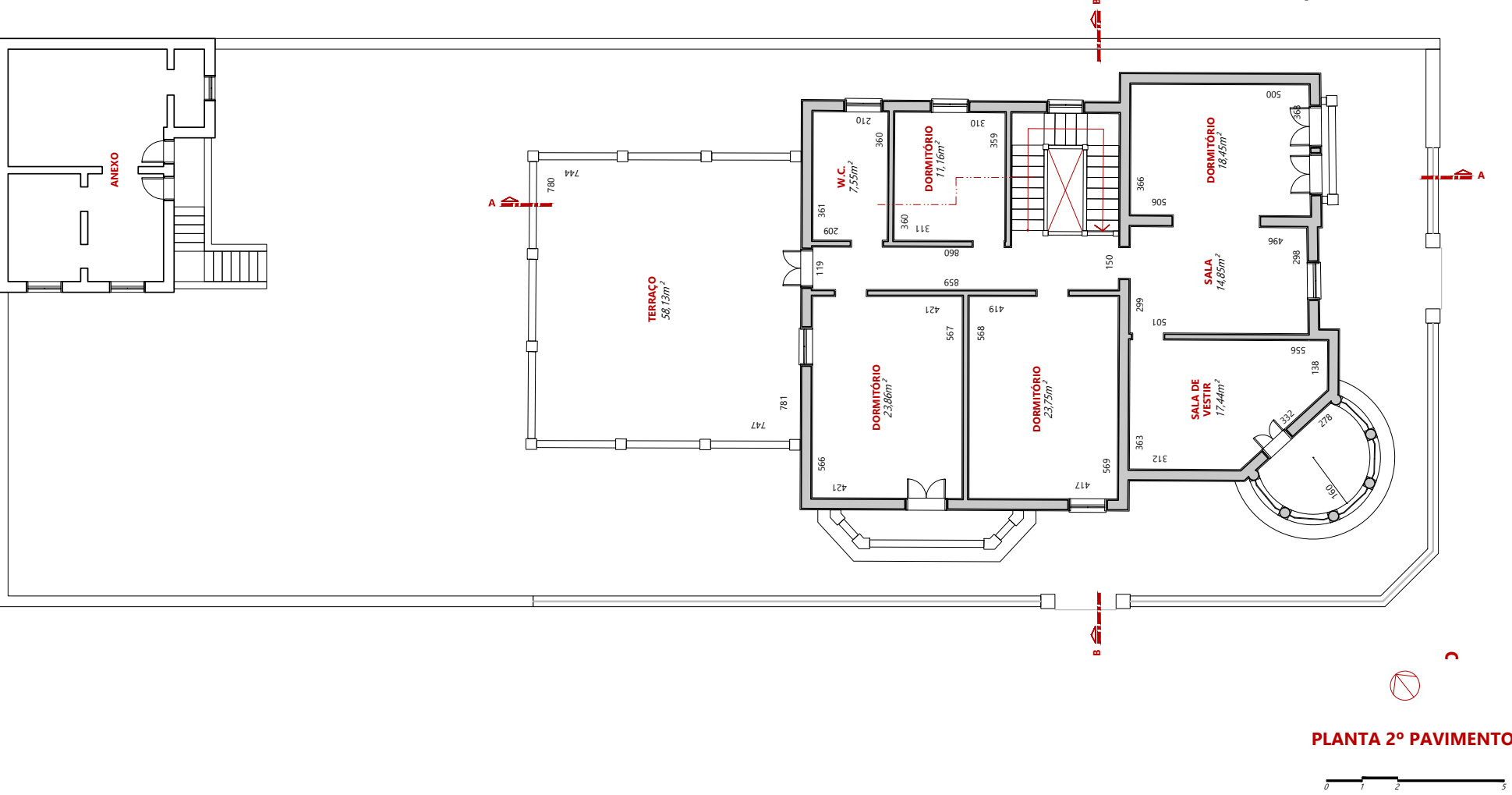
Ainda podemos destacar, sobre o desenho da planta da edificação, a localização do cômodo que tinha a função de escritório, projetado a pedido do proprietário, onde este recebia clientes e prestava consultoria jurídica.

14 Ver plantas do Palacete Camilo de Mattos

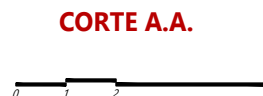


# Palacete

## plantas existentes



Palacete  
cortes





# Palacete

## fachadas projeto original



FACHADA RUA DUQUE DE CAXIAS - PROJETO ORIGINAL

0 1 2 5

# Palacete

## fachadas projeto original



FACHADA RUA TIBIRIÇÁ - PROJETO ORIGINAL

0 1 2 5



## 5.3. O processo de tombamento

Ele está locado próximo à entrada da rua Duque de Caxias, entrada esta que era utilizada principalmente como entrada para o escritório, sendo as outras entradas laterais com acesso pela rua Tibiriçá as mais usadas pelos residentes e empregados que ali trabalhavam[15]. Por dentro, o palacete também exibia todo o luxo e o status da família que ali residia, sendo as paredes, assim como os forros, dos cômodos ornamentados e pintados a fim de conferir ares de riqueza e requinte, cada área da residência também possuía um tipo de piso diferente, alternando entre ladrilhos de cerâmica com desenhos diferenciados e tacos de madeira.

O Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural do município de Ribeirão Preto (CONPPAC – RP), órgão responsável pelos tombamentos e pela proteção do patrimônio arquitetônico e cultural da cidade, em 16 de setembro de 2005, através da resolução número 04/05, tomba de forma provisória o imóvel conhecido como Palacete Camilo de Mattos. Com a justificativa de proteger o bem, que possui valor histórico e arquitetônico inestimável, sendo um dos últimos exemplares da arquitetura eclética da época do café restantes na cidade, e após levantamentos técnicos e históricos feitos pelo corpo técnico do CONPPAC-RP, o então prefeito Dr. Welson Gasparini, por meio do decreto número 221, de 11 de julho de 2008, tomba em definitivo o bem. Pertencente até o início do ano à família de Camilo de Mattos, o bem se encontrava sem uso e em processo de abandono.

Contudo, em meados deste ano, 2017, houve a venda do casarão para um grupo de empresários da cidade de Ribeirão Preto, grupo este que, juntamente com um arquiteto e urbanista responsável, iniciou as obras de restauro do palacete há poucos meses.

O processo de tombamento do palacete Camilo de Mattos, segundo alegam os antigos proprietários, foi efetuado de maneira controversa, sendo dado a eles, por parte do poder público, poucos esclarecimentos sobre o processo e suas consequências, sendo enviadas apenas notificações sobre o tombamento. Esta falta de informação por parte dos antigos proprietários fez com que o casarão permanecesse fechado e sem uso por diversos anos, uma vez que não havia o conhecimento do que poderia ou não ser feito na edificação, quais usos e modificações poderiam ser efetuadas, o que



## 5.4. O palacete através do tempo: condições atuais

contribuiu para o desinteresse destes antigos proprietários no restauro e na manutenção do bem. Com poucas explicações do poder público sobre o tombamento e sobre o que pode ser feito com a edificação, alinhado à forte especulação imobiliária da região, houve o pedido, no ano de 2017, de destombamento do bem pelos então proprietários, que alegavam não haver valor histórico e arquitetônico para justificar a preservação. Com o parecer negativo da administração municipal e do apelo da população e de ONG's da cidade, o tombamento foi mantido. Após a negativa da administração municipal, haviam especulações sobre uma possível proposta de permuta entre a prefeitura e os, até então, proprietários, oferecendo a troca do bem por terrenos de valor similar em outros pontos da cidade, permuta que já havia sido proposta em outras oportunidades, mas que nunca chegou a ser efetivada. Contudo, houve em meados de 2017 a negociação e a posterior venda do edifício, de forma particular, a um grupo de empresários já citado, que segundo reportagens veiculadas na mídia local e conversas informais com o arquiteto e urbanista contratado, pretendem manter o bem

com sua máxima originalidade, preservando sua memória e história, porém dando um novo uso, que ainda será definido.

No processo de pesquisa sobre o tombamento e nas conversas com os antigos donos, ficou claro de início uma certa dificuldade de comunicação entre, principalmente, os antigos proprietários e os responsáveis pelo CONPPAC e a administração pública municipal, que gerou uma sensação de descaso com os bens tombados da cidade. Contudo após novas conversas e pesquisas pode-se perceber os instrumentos que a prefeitura faz uso para estimular a conservação desses bens, como o desconto no IPTU. Porém, ainda é pouco, não havendo um suporte prático às obras de restauro e manutenção e nem alguma forma de cobrança efetiva para que os proprietários dos diversos imóveis tombados os mantenham em razoável estado de conservação.

Ainda há muito que se pensar enquanto as políticas públicas de preservação na cidade, cabendo a prefeitura dar ao CONPPAC mais recursos para intervir e conscientizar a população e os proprietários destas edificações sobre seu valor e importância para a memória ribeirão-pretana.

Atualmente o palacete encontra-se sem uso, e estava em situação de abandono até meados de 2017, desta forma, seu estado de conservação estava comprometido, com muita sujeira e avarias em sua fachada e interior, sendo seus espaços externos usados por moradores em situação de rua para passarem as noites, e já tendo sido ocupado de forma irregular em outras ocasiões.

As fachadas do palacete possuem muitos pontos com sujeira e avarias, contudo, de maneira geral estão em estado regular de conservação, com quase todos seus elementos e ornamentações originais ainda presentes. Quanto a pintura e reboco das fachadas, como podemos observar nas imagens e no levantamento fotográfico<sup>16</sup>,

há além de muita sujeira e desgaste, áreas bem danificadas, onde os tijolos da construção já se encontram aparentes, sendo presentes também pichações nas paredes das fachadas com frente para as ruas Tibiriçá e Duque de Caxias, e no muro externo que cerca parte do terreno ocupado pelo palacete. Podemos perceber também que várias das aberturas, principalmente as do térreo, que estão voltadas para as fachadas com acesso direto das ruas estão em sua maioria lacradas com tijolos e tapumes, com exceção da porta principal da fachada voltada para a rua Duque de Caxias, a porta de ferro e vidro desta fachada encontra-se apenas trancada (figura 34), sendo o único acesso atual ao interior da edificação. O fechamento das janelas e portas foi executado pelos proprietários e ocorreu após várias ocupações irregulares e que teve como objetivo

<sup>16</sup> Ver levantamento fotográfico das Fachadas

impedir com que elas voltassem a ocorrer, uma vez que não há previsões para projetos de restauro e uso do palacete. Ainda na parte externa do palacete, podemos notar principalmente a falta de limpeza da área, assim como a falta de cuidado com a vegetação existente no lote, algo que já começa a interferir na construção, sendo a árvore locada na esquina do lote a causa das rachaduras no calçamento e na mureta que cerca o casarão, sendo provável que, se não retirada, as raízes da árvore possam vir a danificar também as fundações do palacete. Notamos também o estado de preservação do gradil que cerca o bem, estando apenas com pontos de ferrugem, assim como as grades das janelas, que foram inseridas em algum momento após a construção, não sendo originais dela, estando os portões que acompanham o gradil em pior estado, com muita ferrugem e totalmente danificados em alguns pontos. Quanto ao interior da edificação, há muita sujeira, como já esperado para uma construção em estado de abandono, contudo, há áreas mais danificadas, que sofreram maiores danos devido a infiltrações e ações de terceiros que,

ocuparam de forma irregular o casarão, e áreas com melhor estado de conservação, algo que fica evidente nas pinturas das paredes internas, que na sala de jantar, por exemplo, está bem conservada, mas no corredor do pavimento superior foi danificada a ponto de não só a pintura se perder, como o próprio reboco ter se soltado, devido a um incêndio que acometeu apenas a área próxima ao corredor e a escada, e um dos quartos, no segundo pavimento, que acabou por comprometer as portas alocadas na região e o forro de madeira do corredor. Apesar deste incêndio recente, a escada de madeira está, de forma geral, em bom estado, sem indícios de infestação por cupins ou peças que precisem ser substituídas, do mesmo modo, todo o piso do palacete é original, estando de maneira geral em bom estado e apenas sujo na maioria dos cômodos, principalmente onde há ladrilhos hidráulicos. Porém, onde há piso de tábuas de madeira há algumas avarias como manchas e tábuas comprometidas, porém são danos pontuais.

Já quanto ao forro, há no térreo algumas manchas geradas por conta de

infiltrações e desgastes na pintura, estando ainda íntegro, no segundo pavimento foi possível notar a presença de dois forros, o original de madeira mais alto, e outro forro mais baixo, de material plástico, que foi instalado a fim de diminuir a altura do pé direito dos quartos, estando este em pior estado, com pedaços danificados, principalmente no cômodo cujo o incêndio supracitado ocorreu, contudo o forro de madeira superior continua, em quase toda a área, bem conservado, exceto pelo corredor deste pavimento, onde o fogo o consumiu, deixando a estrutura do telhado aparente.

Não se sabe se as portas do interior foram tiradas pelos proprietários ou se perderam-se com o tempo, devido às invasões constantes que o palacete sofreu em determinadas épocas, contudo, apenas as portas de folhas duplas locadas na área de serviço do casarão ainda se encontram presentes, situação diferente das janelas, que ainda estão todas presentes, e em sua maioria em bom estado, apenas com vidros quebrados, porém todas fechadas e algumas no térreo lacradas com tijolos a meia altura e tapumes.

FIGURA 15.



FIGURA 16.

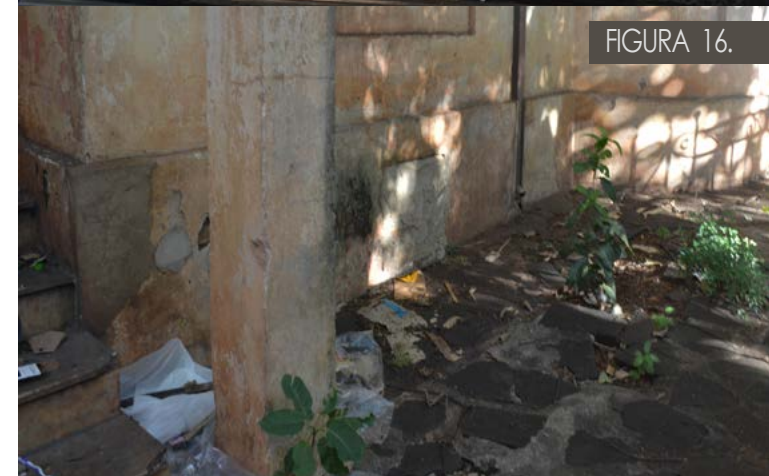


FIGURA 17.



FIGURA 18.



Já quanto a cobertura, podemos notar telhas quebradas nos beirais, bem como calhas danificadas, provavelmente pela vegetação presente no terreno, contudo, como não há infiltrações e manchas no forro superior, acredita-se que a cobertura de telhas do tipo Marselha encontra-se em sua maioria íntegra e com poucos danos, contudo, há a presença de muita sujeira entre o madeiramento que estrutura o telhado, bem como indícios de uma possível infestação por cupins. No terraço podemos notar a presença de uma cobertura metálica, posterior ao projeto original, que possui pontos de ferrugem e pequenos danos, e deve ser retirada, uma vez que descaracteriza o bem e interfere de forma negativa em sua fachada. Quanto ao espaço destinado ao quintal e a edícula localizada no fundo do lote, devido a muros que fazem o fechamento de parte do terreno e as portas estarem lacradas ou fechadas, não houve como realizar os levantamentos fotográficos e métricos, havendo apenas fotos de alguns anos atrás que nos dão alguma ideia de como estava a construção anexa.

Os trechos acima mencionados são referentes a uma visita feita no mês de junho de 2017 ao local, onde foram constatados os danos supra mencionados. Contudo, como houve a venda do palacete entre os meses de Julho e Agosto de 2017 e posteriormente o início das obras de restauro, em nova visita no mês de setembro, guiada pelo arquiteto e urbanista Cláudio Bausso, responsável pelo projeto de restauro em andamento. Nesta nova visita foi possível notar que alguns dos danos já haviam sido reparados, como os referentes a cobertura e seu madeiramento, a grande quantidade de sujeira que havia no local havia sido retirada, bem como as vedações de portas e janelas, assim como outros pontos já estavam em processo de restauro.



FIGURA 19.



FIGURA 20.



FIGURA 21.



FIGURA 22.



FIGURA 23.



FIGURA 24.



FIGURA 29.



FIGURA 30.



FIGURA 25.



FIGURA 26.



FIGURA 31.



FIGURA 32.



FIGURA 27.



FIGURA 28.



FIGURA 33.



FIGURA 34.



# Palacete fachadas atuais



FACHADA SUL (RUA DUQUE DE CAXIAS) - ATUAL

0 1 2 5

# Palacete fachadas atuais

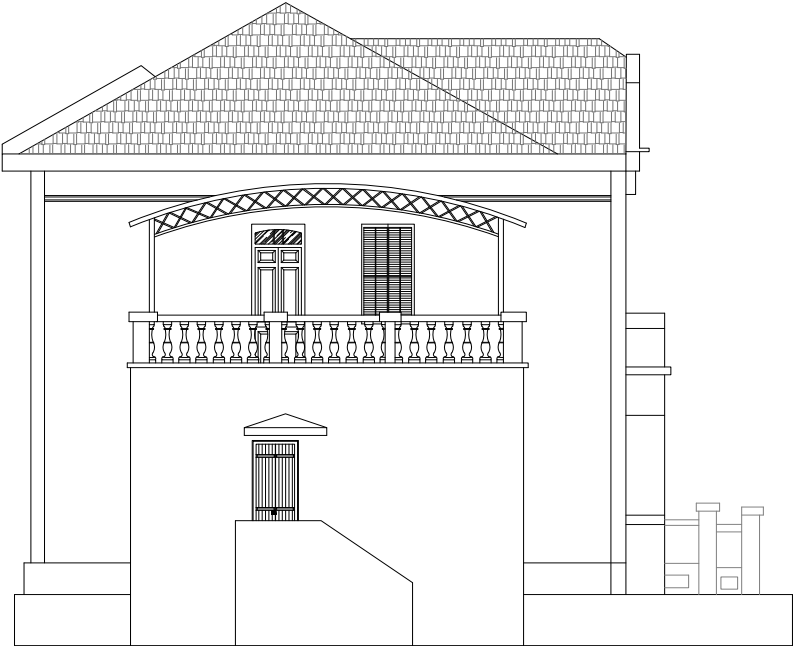


FACHADA OESTE (RUA TIBIRIÇÁ) - ATUAL

0 1 2 5



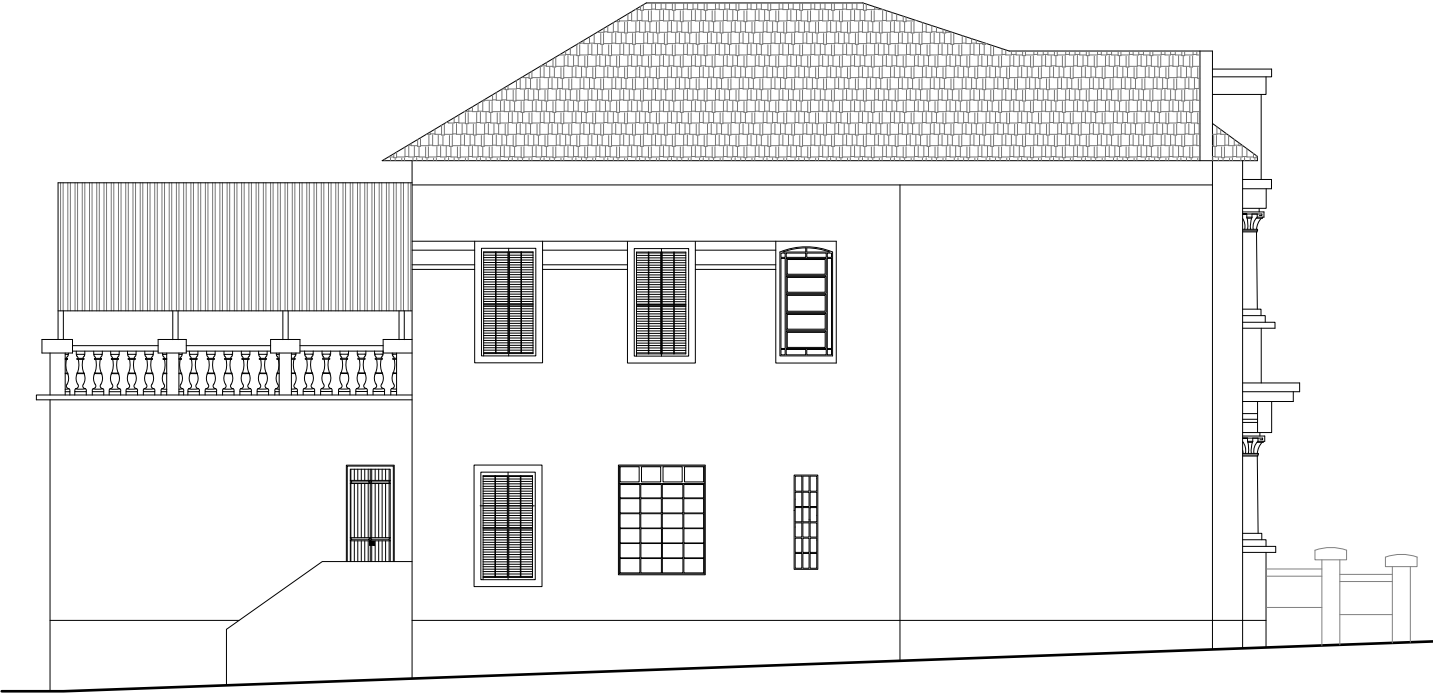
# Palacete fachadas atuais



FACHADA NORTE - ATUAL

0 1 2 5

# Palacete fachadas atuais



FACHADA LESTE - ATUAL

0 1 2 5



# Restaurar e reuso:

referências projetuais e projeto de intervenção





## 6. 1. Referências Projetuais

### O restauro do eclético no cenário contemporâneo, o caso do Hotel Sete de Setembro

Para melhor embasamento do projeto de intervenção no palacete Camilo de Mattos alguns projetos de restauro no contexto contemporâneo foram analisados, sendo o projeto de intervenção no Hotel Sete de Setembro no bairro do Flamengo, na cidade do Rio de Janeiro, o de maior relevância para a ideia inicial do projeto desenvolvido neste trabalho, sendo este analisado mais a fundo e exposto nesta monografia. O Hotel Sete de Setembro foi construído entre os anos de 1920 e 1922 para o centenário da independência do Brasil, com o intuito de hospedar os convidados que fossem ao Rio de Janeiro para os festejos. Localizado no bairro do Flamengo, o lote para a construção do hotel foi escolhido pois ali já havia uma oficina e iriam, na construção do hotel, aproveitar a estrutura, principalmente a fundação, ali já

existente. O autor do projeto foi Antônio Januzzi, datado de 1920, o projeto original não corresponde ao existente hoje, tendo o original 257 quartos, um restaurante e cabines para banhos de mar, e o atual teria o correspondente a apenas 120 quartos, o restaurante e as cabines para banhos de mar. Inaugurado em 15 de julho de 1922, o complexo conta com quatro blocos—aqui chamados de blocos A, B C e D, apenas para facilitar o entendimento do texto. O denominado bloco A foi o primeiro a ser construído, e posteriormente restaurado, era onde funcionava o restaurante. Ele possui dois pavimentos e tem um repertório ornamental mais variado dentre todos os blocos, sendo um dos mais luxuosos, tanto externa quanto internamente, com um interior ricamente detalhado também. O bloco B era onde funcionava o hotel



propriamente dito, onde estavam localizados os quartos, o edifício conta com traços da arquitetura eclética da época, bem como com luxuosa ornamentação, assim como o bloco A. O bloco C, segundo Ana Paula Martins, servia como um prédio secundário para o hotel. Já o bloco D, último bloco do complexo, estava locado entre o bloco C e uma pedreira que existia na época, no entorno imediato do lote. Não há registro da função deste bloco, acredita-se que ali estavam localizadas as áreas de serviço do hotel, contudo, o edifício contava com dois pavimentos e telhados aparente com diversas águas. O complexo funcionou como hotel, seu uso original, por apenas quatro anos, de 1922 até 1926, passando então a ser o internato dos estudantes da escola

de enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo este uso até o ano de 1976, passando depois a ser a “Casa do Estudante Universitário” – C.E.U., nome pelo qual é conhecido até hoje. Em 1995 a Universidade Federal do Rio de Janeiro retomou o prédio e iniciou o processo de restauro dele, tendo como objetivo, ao final da restauração, que o prédio abrigue o Colégio Brasileiro de Altos estudos da UFRJ. Para a análise do restauro do complexo, seguindo a metodologia usada por Martins em sua dissertação, a qual esta análise se baseia, o conjunto foi dividido em duas partes, o edifício principal, que seria o bloco que contempla o hotel, e o edifício anexo, que seria o bloco b, onde havia o restaurante.

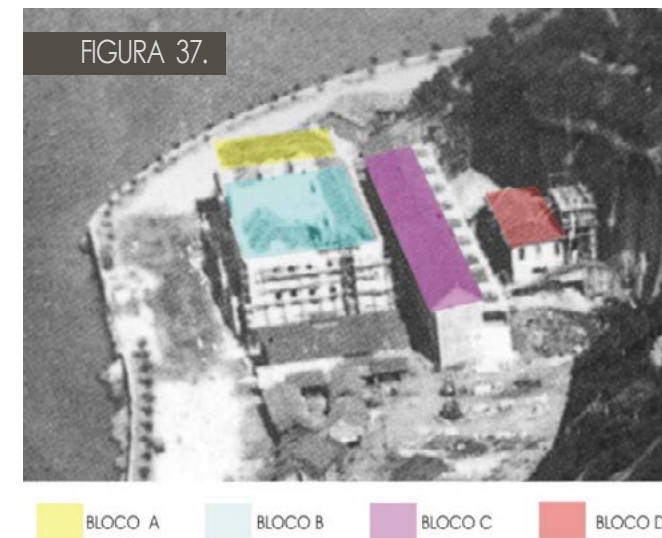


FIGURA 37.

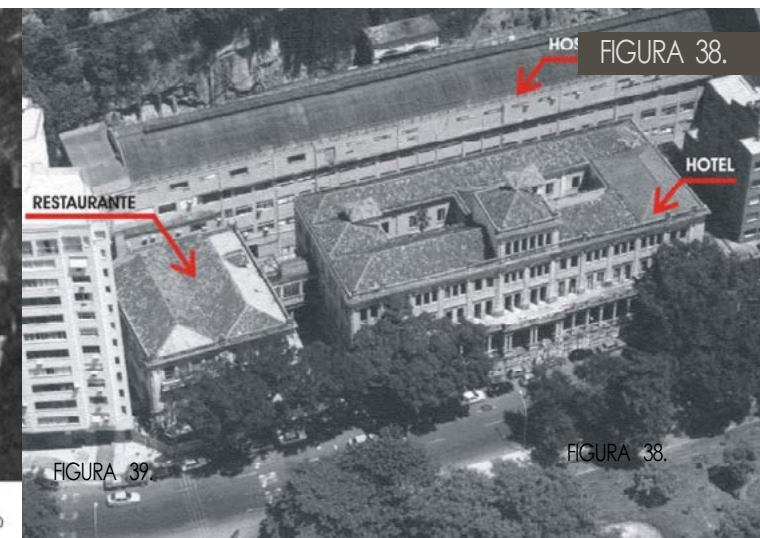


FIGURA 38.

FIGURA 39.

FIGURA 38.

O edifício anexo, assim como na construção do conjunto, também teve seu processo de restauro realizado primeiro que os demais. Com fachada simétrica e volumetria simples, que lembra um paralelepípedo com uma pequena angulação na face posterior esquerda, o edifício possui, como já mencionado, rica ornamentação e conta com elementos da arquitetura clássica, como pilastras com capitéis detalhados, balaustrada, balcões e janelas com arcos, além da presença da “palma”, elemento emblemático romano em sua fachada principal.

Já o edifício principal também possui uma certa simetria em suas fachadas e plantas, contudo, sua volumetria é mais elaborada, tendo três pavimentos e um corpo central. Também possui ornamentações luxuosas em seu interior e fachada, com elementos clássicos já mencionados na descrição do anexo, mantendo a unidade do conjunto, contudo, este edifício possui pátios internos, que criam um interessante jogo de cheios e vazios. Os edifícios, de estrutura mista conta com pilares de pedra e tijolos de barro maciços, tendo sua fundação composta de baldrames,

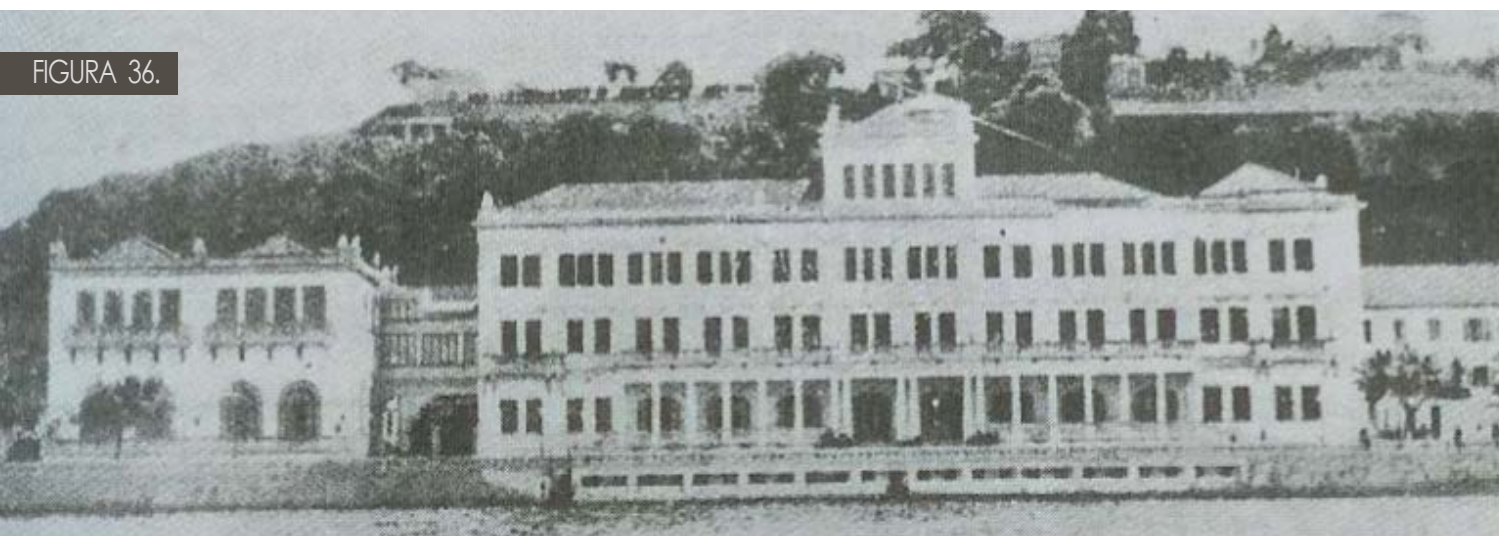


FIGURA 36.



tombado pelo INEPAC<sup>17</sup>, sofreram as seguintes intervenções em ordem cronológica para que houvesse o início do restauro:

1997 – Início das pesquisas sobre a edificação, bem como sobre o edifício principal também;  
2000 – Há a aprovação do projeto de restauro do edifício pelo INEPAC;  
2001 a 2004 – São iniciados os levantamentos e demais trabalhos de campo necessários para o projeto, por uma equipe da UFRJ.

A restauração do complexo foi iniciada em 2001 e foi dividida em três etapas, a primeira, iniciada em janeiro de 2001 e sendo finalizada em junho de 2003, compreendeu a restauração total do edifício anexo. A segunda contemplou as obras de infraestrutura do edifício principal e foi subdividida em duas fases – a primeira fase, de abril de 2005 a dezembro de 2006, consistiu na elaboração e execução do projeto lumotécnico e de segurança do anexo,

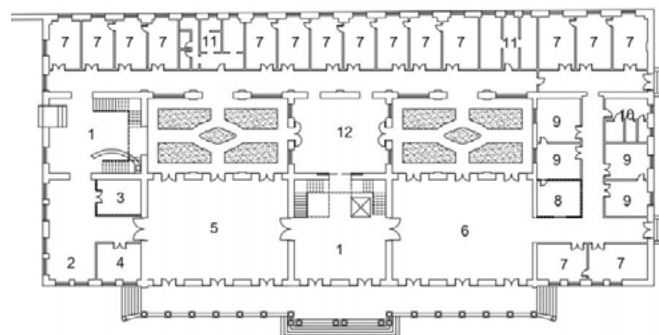


FIGURA 39.

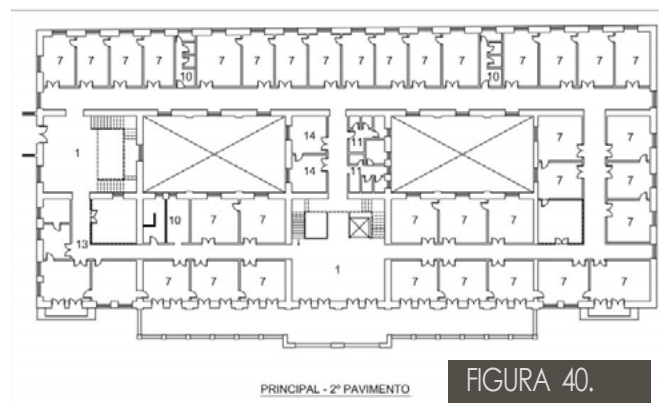


FIGURA 40.



FIGURA 41.

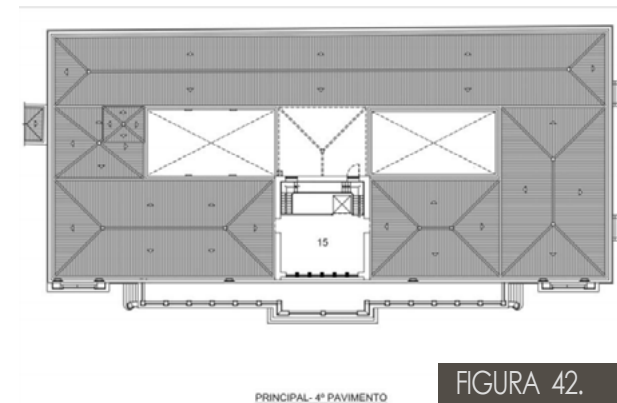


FIGURA 42.



FIGURA 43.



- LEGENDA
- 1 - SALA 1
  - 2 - SALA 2
  - 3 - SALA 3
  - 4 - SALA 4
  - 5 - SALA 5
  - 6 - SALA 6
  - 7 - SALA 7
  - 8 - SALA 8
  - 9 - SALA 9
  - 10 - SALA 10
  - 11 - SALA 11
  - 12 - SALA 12
  - 13 - SALA 13
  - 14 - SALA 14
  - 15 - SALA 15
  - 16 - SALA 16
  - 17 - SALA 17
  - 18 - SALA 18
  - 19 - SALA 19
  - 20 - SALA 20
  - 21 - SALA 21
  - 22 - SALA 22
  - 23 - SALA 23
  - 24 - SALA 24
  - 25 - SALA 25

juntamente com as obras de infraestrutura do edifício principal, como as demolições e construções para adequação ao novo uso, como a cobertura de parte de um dos pátios, os reforços estruturais e restauro do telhado, escadas e de uma das fachadas. A segunda fase da segunda etapa iniciou-se em março de 2007 e compreendia a recuperação estrutural, juntamente com a criação de salas operacionais, item do novo programa de necessidades, além da pintura das fachadas. A terceira etapa da restauração compreendia o projeto e execução da restauração completa do edifício principal.

Quanto as ações projetuais de restauro para os edifícios de forma individual podemos destacar, no edifício principal, a preservação dos espaços nobres do prédio, contudo, neste item cabe uma crítica ao projeto, uma vez que ele manteve apenas os espaços nobres e retirou divisões importantes do restante do interior, não preservando muito dos espaços originais. Podemos destacar também as adequações quanto a questão da acessibilidade, com a instalação de elevadores, não só no prédio

<sup>17</sup> A sigla INEPAC corresponde ao Instituto Estadual do Patrimônio Cultural do estado do Rio de Janeiro.



principal, como também no anexo. Outra crítica que pode ser feita ao projeto de restauro e readequação é a instalação de uma cobertura em um dos pátios, o que acabou por alterar a já mencionada relação de cheios e vazios da implantação. Quanto ao edifício anexo, houve a retirada de elementos das fachadas que comprometiam a leitura destas, bem como também houve a retirada de divisões feitas posteriormente ao projeto original, mantendo a ambiência do projeto, reabrindo vãos fechados com alvenaria, há também a criação de um mezanino. Já no que tange as ações práticas do projeto de restauro, em ambos os edifícios houveram trabalhos de prospecção e levantamentos minuciosos, para tentar ao máximo adequar as técnicas utilizadas aos materiais existentes. Podemos destacar os trabalhos feitos nos telhados, sendo feito um mapeamento dos danos, tendo apenas as telhas danificadas sido substituídas, o madeiramento sido tratado contra insetos. O trabalho feito nas escadas foi semelhante, por serem de madeira, também receberam tratamento contra insetos,

e foram desmontadas, em um trabalho detalhado, com todas as peças sendo numeradas e posteriormente remontadas, com reforços em barras de aço, para melhorar a segurança e a estrutura delas. Após analisar este projeto, pode-se compreender melhor algumas ações de restauro, tendo um melhor embasamento prático para a proposição do estudo preliminar presente neste trabalho, usando como referências as ações bem-sucedidas e criando uma visão mais crítica sobre intervenções desnecessárias e que podem até mesmo ir contra o embasamento teórico do projeto.

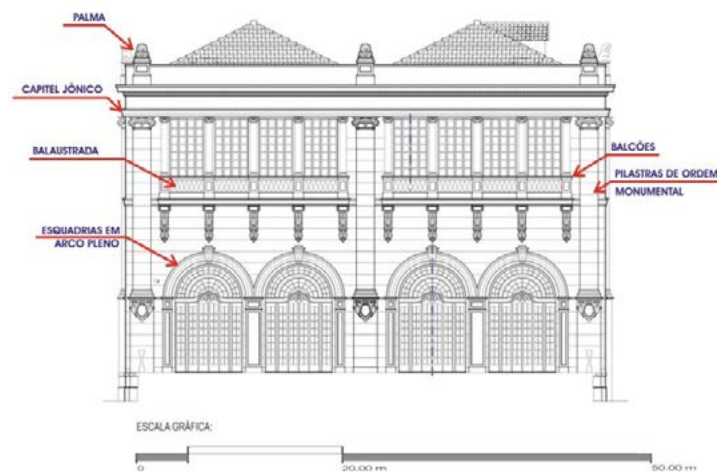


FIGURA 44.

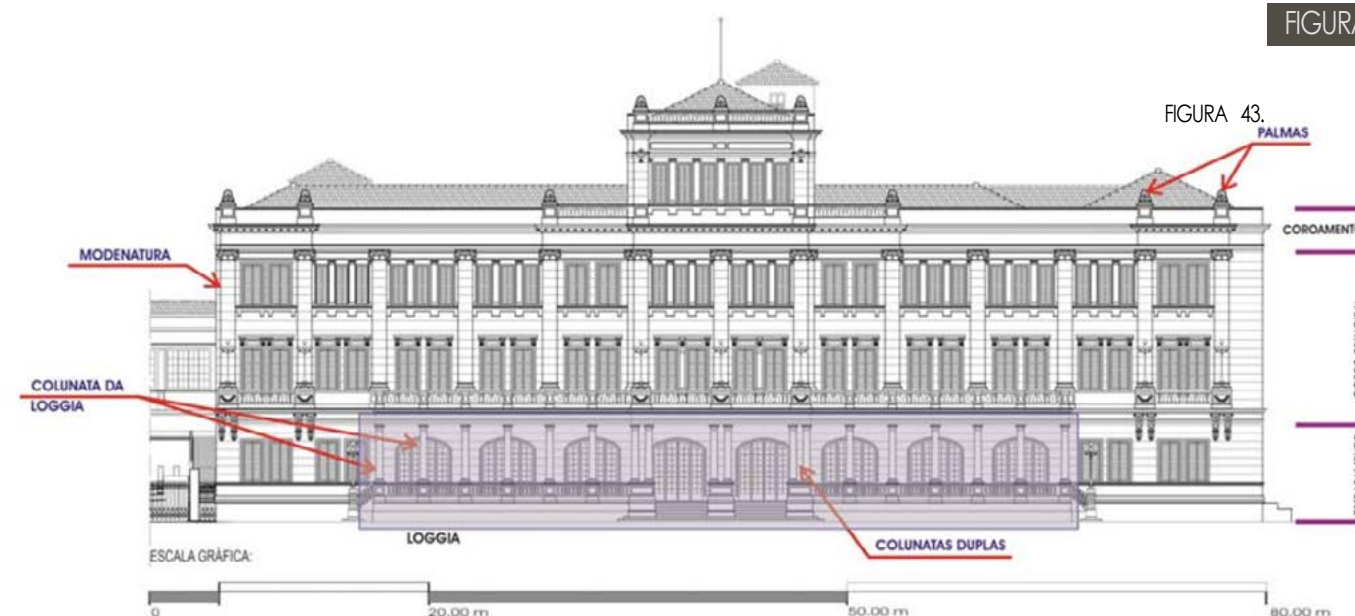


FIGURA 45.



## 6.2. Ações de Restauro

A proposta para o projeto de restauro aqui apresentada contempla também as ações específicas de restauro, limpeza e manutenção que devem ser feitas no palacete, na denominada “etapa de consolidação do bem”, ou seja, antes das alterações projetuais propostas visando o novo uso, é a etapa do restauro puro, na qual são realizados estudos mais detalhados de cada elemento construtivo e é feito seu restauro da melhor maneira possível, sempre respeitando a edificação e sua história.

Sendo assim, as seguintes ações de restauro são propostas para o Palacete Camilo de Mattos:

### **COBERTURA:**

As ações para a restauração da estrutura da cobertura, por esta encontrar-se em uma condição razoável atualmente, são principalmente na limpeza, identificação e substituição das peças danificadas, tanto do madeiramento quanto das telhas. É importante frisar aqui a utilização de telhas originais,

advindas da cobertura da edícula que será posteriormente demolida, para que se mantenha ao máximo a originalidade do edifício. No madeiramento do telhado, deve-se fazer uma avaliação para garantir a rigidez e funcionalidade da estrutura, e caso haja necessidade, deve ser feito um reforço para essa estrutura, bem como a descupinização, caso seja constatada a infestação por cupins em algumas áreas, e a aplicação de produtos que tenham como função proteger a madeira e evitar futuros ataques. Já quanto a cobertura metálica do terraço, ela será completamente removida e substituída por uma estrutura metálica e telhas de policarbonato.

### **ALVENARIA, ESTRUTURA E FUNDAÇÃO:**

A alvenaria do palacete aparenta estar em boas condições, dispensando grandes ações para seu restauro, contudo, por ser alvenaria estrutural, é

necessário que seja feita uma avaliação minuciosa da alvenaria existente e caso haja pontos frágeis, é necessário que seja feito os reparos necessários. O palacete não possui grandes rachaduras ou danos em sua estrutura, tendo apenas a fundação de radier de pedra exposta em algumas áreas, contudo, como haverá a mudança do uso e consequentemente um aumento significativo do número de usuários da edificação, o que acarretará em um possível sobre peso para a estrutura, é necessário que seja feito um reforço na fundação para evitar possíveis problemas e danos futuros. Para este reforço pode-se abrir um vão entre o solo e a fundação em radier de pedra, onde este seria preenchido com concreto, enrijecendo e dando maior suporte para a edificação, evitando sobrecargas. Onde há a abertura de vãos maiores no projeto de restauro, e consequentemente a retirada de partes da alvenaria, há a necessidade de avaliação prévia de um engenheiro civil especialista para que seja feito o reforço estrutural com vigas metálicas no vão da parede em questão, caso haja necessidade.

## **INSTALAÇÕES**

### **HIDRÁULICAS E ELÉTRICAS**

As instalações hidráulicas e principalmente elétricas, por terem quase um século de uso, pelo que pode ser percebido nas visitas, em sua maioria ainda são originais, merecem atenção especial, uma vez que terão que ser modernizadas e adaptadas aos padrões atuais.

No que diz respeito às instalações hidráulicas, é preciso fazer testes e avaliar todo o encanamento do palacete, já que há manchas de infiltrações em alguns pontos do forro no térreo, dando indícios de que houve, ou ainda há, vazamentos. Por ser encanamento antigo, os canos não são de pvc como os atuais, sendo assim, terão que ser feitas avaliações para confirmar que ainda estão em condições de uso e não liberam nenhum tipo de substância nociva à saúde e nem possuem pontos frágeis ou algum outro dano. Ainda sobre as instalações hidráulicas, as louças existentes dos banheiros também merecem atenção especial, por alguns vasos sanitários e banheiras, ainda estarem dentro do palacete, podem ser



restauradas e instaladas novamente, caso ainda estejam em condições de uso. Caso estejam danificados ou faltantes, devem ser substituídos por modelos atuais que interfiram de forma positiva na estética dos ambientes e que tenham design simples e se possível em cores neutras, deixando evidente ser de período posterior ao original. Quanto às instalações elétricas, pelo que pode ser notado nas visitas e na conversa com o arquiteto responsável pela obra de restauro recém iniciada, o mais seguro e viável é a troca de toda a fiação e pontos elétricos do palacete, uma vez que fiação antiga pode apresentar funcionamento incorreto e risco de possíveis curto-circuitos e incêndios, além de estarem fora dos padrões de segurança atuais. Como a fiação da edificação passa por dentro de suas paredes, para que não haja danos às paredes e principalmente as pinturas originais que estão ali presentes, que serão mantidas integralmente em alguns cômodos, é sugerido que, nestes cômodos em que se faz inviável a abertura de recortes nas paredes, a nova fiação seja colocada por cima da parede, dentro de tubos de metal específicos

para este fim, sendo eles locados de forma discreta e com pintura que vise minimizar o impacto visual que eles podem causar no ambiente. Nos demais cômodos em que as pinturas não serão integralmente preservadas e que seja viável a abertura de recortes nas paredes, estes podem ser feitos, contudo, o ideal é que a solução da fiação externa às paredes seja adotada em todo o imóvel.

## PISOS E ESCADA

Os pisos internos, por serem originais e estarem em sua maioria em bom estado, serão apenas limpos e tratados de acordo com sua materialidade. Ou seja, os ladrilhos hidráulicos existentes nas áreas molhadas, bem como no terraço serão apenas limpos, e caso haja extrema necessidade, algumas peças poderão ser substituídas por peças semelhantes encontradas em depósitos com peças de demolição ou feitas sob medida, uma vez que se houver a necessidade, serão em poucas e isoladas peças, não justificando o uso de pisos distintos. Já onde o piso é composto por tábuas de madeira, há a necessidade de limpeza e da avaliação

individualizada de cada peça, e caso haja a necessidade, apenas as peças danificadas devem ser substituídas, e o restante deve receber tratamento adequado tanto contra uma possível infestação de cupins, como também anti-umidade. Já os pisos externos, que devido a ação do tempo e da vegetação do local foi danificado será substituído por piso com tom semelhante, porém de materialidade e forma distintas do piso original, garantindo assim sua distinguibilidade. Quanto a escada, ela irá sofrer ações semelhantes às aplicadas ao piso de tábuas de madeira, uma vez que aparenta estar em boas condições e sem presença de cupins, sendo necessária apenas a sua limpeza e tratamento contra pragas e umidade, dispensando demais ações como a desmontagem ou substituição de peças.

## FORROS

Nas visitas ao palacete, podemos notar que em alguns ambientes, há diversos tipos de forros, tanto de gesso, com ornamentações, principalmente no térreo, como de madeira, que era o forro original do primeiro pavimento, e também de há a presença de um forro de PVC, foi instalado posteriormente, a uma altura menor do que a do forro original. No térreo, na sala íntima e sala de jantar, onde há forro de gesso ornamentado, percebe-se que ele está íntegro quase que em sua totalidade, sem elementos de sua ornamentação faltantes, por isso, neste caso ele deve ser mantido e restaurado tal qual era, sendo feita assim sua limpeza, pintura e caso haja necessidade, o reparo de pequenos danos. Nos demais cômodos do térreo, onde não há a presença de forro, apenas laje, deve haver ações como limpeza e pintura, não sendo recomendado a instalação de forros de qualquer tipo nestes ambientes. Já nos cômodos onde o forro original é de madeira, e ainda encontra-se em bom estado, o mesmo deve ser restaurando, sendo a pintura, feita em tons claros e



Além deste tratamento, também deve ser aplicado produtos que evitem uma possível infestação por pragas e produtos que o protejam contra umidade. Nota-se também que em alguns ambientes o forro de madeira foi severamente danificado, principalmente em alguns dos quartos, no banheiro localizado no corredor do primeiro pavimento, e no próprio corredor, em decorrência do pequeno incêndio já mencionado anteriormente neste texto. Neste caso, onde o forro original encontra-se sem condições para restauro, é indicado a instalação de um novo forro, sugere-se que seja o forro de aglomerado revestido com lâminas de madeira natural, na cor Imbuia, da marca Hunter Douglas. No entanto, nos quartos onde o forro de madeira ainda está em boas condições, ele deverá ser mantido, sofrendo ações de restauro semelhantes às do madeiramento do telhado, já citadas acima, como limpeza e descupinização. Quanto aos forros de material plástico que haviam sido instalados posteriormente, eles devem ser retirados, de forma a evidenciar apenas o forro original, ou os novos forros.

## PINTURAS E REVESTIMENTOS

No que tange as pinturas do interior do palacete, após as visitas e devido a escolhas projetuais, apenas alguns cômodos terão as pinturas originais mantidas. Deu prioridade para os ambientes onde a pintura, além de estar em melhor estado, é ornamentada e possui um valor maior para o contexto da edificação e as quais explicitam a maneira luxuosa do morar das classes mais abastadas no período eclético. Os ambientes nos quais as pinturas serão mantidas serão, no térreo, a sala de jantar e a sala íntima, e no pavimento superior, dois dos dormitórios, notadamente os que possuem pintura na cor rosa e diversos ornamentos, bem como uma sala que tem ligação direta com um dos dormitórios. Nestes ambientes, após prospecções e estudos, pintura será restaurada em seu original, sempre respeitando as tonalidades e tendo a preocupação de usar os processos adequados para o restauro das pinturas. Nos ambientes onde as pinturas não forem mantidas, há a necessidade também da execução

de prospecções e principalmente de um estudo aprofundado de cores para cada ambiente, lembrando sempre de usar tintas e técnicas apropriadas e compatíveis com a alvenaria e o reboco existente. Quanto aos revestimentos das áreas molhadas, eles serão mantidos em todos os ambientes, contudo, como já pode ser observado nas visitas, há algumas peças que precisarão serem substituídas, porém serão usadas peças do próprio banheiro, trocando peças danificadas ou descoloridas de áreas mais visíveis por peças localizadas em partes com menor visibilidade, caso seja possível, e pode-se também buscar peças semelhantes em comércios de pisos, revestimentos e materiais vindos de demolições. Na copa/cozinha, devido a mudança do uso dos ambientes, poderão ser instaladas placas de gesso acartonado, utilizando o sistema “drywall” após o restauro do revestimento original, modernizando o ambiente e o adequando ao seu novo uso, mas sem perder o original, que ficaria preservado por baixo destas placas.

## ESQUADRIAS

Muitas esquadrias ainda encontram-se presentes no palacete, sendo apenas a maioria das portas internas retiradas pelos antigos donos, contudo, há a informação de que estas portas ainda estão conservadas e guardadas e serão devolvidas para sua recolocação. Sendo assim, o trabalho a ser realizado quanto nas esquadrias será um trabalho de restauro e manutenção, devolvendo a elas o seu pleno funcionamento. Como pode ser observado na visita realizada e em algumas fotos presentes neste trabalho, muitas das janelas possuem diversos vidros quebrados, em uma delas, localizada na sala de jantar, esses vidros na realidade configuram um bonito e colorido vitral, porém com muitas peças faltantes. No caso desta janela em especial, estudos e pesquisas aprofundadas devem ser realizadas para determinar se há a possibilidade de restauração do desenho destes vidros coloridos, ou se alguma outra solução, como uma releitura mais abstrata, terá que ser adotada. As demais janelas deverão ter seus vidros faltantes



como já mencionado anteriormente, se estas forem recuperadas, devem ser restauradas ao seu estado original e recolocadas. Caso estas portas, ou algumas delas não sejam recuperadas, estas devem ser substituídas por portas também de madeira, porém com linhas mais simples, e com cor semelhante, porém não igual, para manter o conceito da distinguibilidade.

## FACHADAS

As fachadas, como pode ser observado nas pranchas complementares deste trabalho onde estão os levantamentos fotográficos, estão em razoável estado de conservação, com todos seus elementos e ornamentações ainda presentes. Contudo, apresenta muita sujidade, presença de microflora em alguns pontos, algumas pichações e danos no reboco, principalmente próximo ao piso.

Sendo assim, as fachadas devem passar por processos de prospecção e estudos para que sua cor, pintura e reboco sejam restaurados e voltem a estado próximo ao seu original, bem como devem passar por processo de limpeza, para retirar a sujidade e a microflora existente.

Ainda quanto às fachadas e área externa, a mureta e o gradil que cercam o casarão devem ser restaurados. A mureta, que está muito danificada em um ponto, por conta da grande árvore que há na frente do palacete, deve ser restaurada e refeita de modo a voltar ao seu aspecto original, uma vez que ela ainda está lá e é um importante elemento para a fachada e ambiência do palacete. Já quanto ao gradil, por estar em boas condições, ele deve ser mantido, apenas tendo seus pontos de ferrugem eliminados e recebendo tratamento para que isso não volte a ocorrer, assim o mesmo deve ser feito com os portões em ferro presentes na fachada. Quanto ao muro presente na fachada voltada para a rua Tibiriçá, este deve ser totalmente removido e substituído por uma espécie de novo gradil formado por finas colunas de alumínio em pintura na cor chumbo, que irão fazer todo o cercamento do final do terreno do palacete, sendo que em determinados pontos estas colunas podem utilizar um sistema de abertura diferenciado, retrátil, sendo recolhidas para junto do solo, deixando a abertura livre para a entrada e circulação de pedestres, sistema melhor descrito no subcapítulo a seguir.

## ORIENTAÇÕES TÉCNICAS E RECOMENDAÇÕES GERAIS

As etapas de cada trabalho deverão ser orientadas por profissionais competentes responsáveis pela execução do projeto. Qualquer trabalho a ser executado deve ser precedido das necessárias prospecções para se evitar danos irremediáveis ao patrimônio.

Todas as fases de prospecção e realização dos trabalhos deverão ser fartamente documentadas, através de fotografias e relatórios, para posterior apreciação e indicação para intervenções futuras.

Não é permitido usar o interior do edifício para dormitório ou guarda de material.

O entorno próximo poderá ser utilizado para a instalação do canteiro de obras tomando-se os devidos cuidados para não danificar o edifício.

A área de trabalho deverá permanecer constantemente limpa e desimpedida de entulhos.

Os andaimes serão autoportantes, não podendo, em hipótese alguma, apoiar-se nas paredes do edifício.

Os andaimes serão autoportantes, não podendo, em hipótese alguma, apoiar-se nas paredes do edifício.

Quando da execução dos serviços de restauração, os trabalhos devem ter procedimentos semelhantes ao sistema original. Todo material utilizado deverá ser da melhor qualidade, e sempre que possível utilizar material similar ao original.

Qualquer elemento a ser retirado por imposições técnicas deverá ter sua posição registrada previamente de forma a possibilitar o respeito rigoroso de sua reposição na situação original.

Na recuperação do telhado deverá ser mantido o esquema original com a substituição apenas das peças danificadas. As telhas danificadas serão substituídas e todas as novas peças deverão obedecer às mesmas dimensões e formas de encaixe existentes.

Todos os trabalhos de carpintaria deverão ser executados por pessoal técnico habilitado e experimentado, devidamente assistidos por mestre carpinteiro, que verificará a perfeita ajustagem de todas as peças.

Os preenchimentos de reboco deverão ser executados com a mesma textura de reboco existente. As superfícies serão desempenadas com colher, não usado desempenadeiras.

Todo madeiramento a ser empregado na obra deverá estar completamente seco para evitar que as tábuas se empenem ou o apodrecimento de frestas no futuro.



## 6.3. O projeto de intervenção: a coexistência do eclético com o contemporâneo

O projeto pensado neste trabalho para o restauro e reuso do Palacete Camilo de Mattos tem como premissa a mínima intervenção no projeto da edificação principal original e o máximo respeito pelo bem e por sua história, propondo que o novo uso e o projeto de intervenção se adequem ao palacete existente e não o oposto, como muitos projetos de restauro e intervenções em edifícios históricos acabam por fazer.

Baseando-se nos princípios da teoria crítico-conservativa e criativa expostos no capítulo dois desta monografia, a proposta do projeto de restauro prevê que sejam tomadas ações que preservem as características marcantes do edifício, e a passagem do tempo pelo bem, de forma crítica, o considerando como edifício único, e não tratando o restauro como mera lista de trabalhos a serem feitos, para isso,

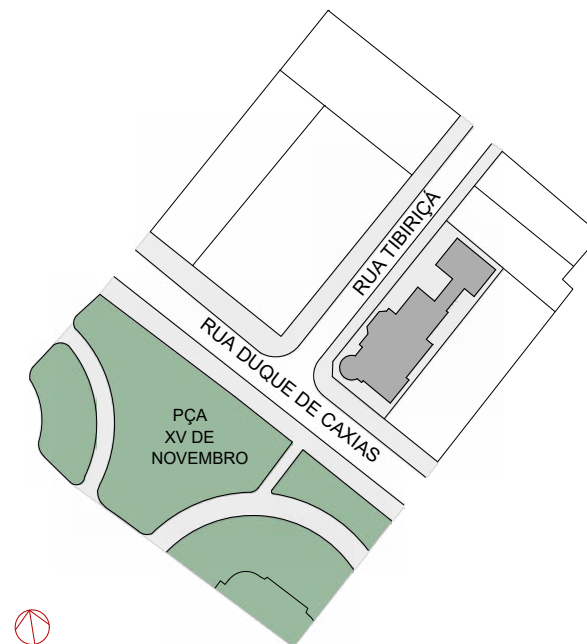
propõe o restauro de alguns elementos, a manutenção de outros como estão e a retirada de elementos e intervenções posteriores que o descaracterizam, como a cobertura metálica existente no terraço.

O novo uso proposto para o casarão segue a tendência do entorno em que está inserido, que possui em sua maioria edifícios comerciais e de serviços, tendo a região grande demanda por edifícios voltados para estes usos, justificando assim a proposta de usar a área construída do palacete para um espaço de coworking. Além do restauro do palacete, também é proposto nesta etapa a demolição da edícula no fundo do terreno e a construção ali de um anexo, que teria ligação com o palacete por meio de uma passarela suspensa, e teria também como um de seus usos, o coworking, juntamente

com um café+bar em seu térreo, que transformaria a área de implantação do edifício em um ambiente onde a população poderia usufruir de diferentes maneiras, tanto com atividades de lazer como trabalho, e que o mesmo tempo, gere meios para subsidiar futuras manutenções e que ajude a requalificar a área em que está inserido. Devido a região na qual o casarão está inserido e seu alto valor, bem como a grande especulação imobiliária da área, a construção do anexo funciona como forma de viabilizar o restauro e aumentar o valor do edifício ali construído são as justificativas para a intervenção, que busca maximizar o valor do bem, sem deixar de lado a ambiência e as questões históricas, estruturais e estéticas que envolvem a construção.

### O PROJETO PARA O ESPAÇO EXISTENTE

Casarão localizado no centro de Ribeirão Preto, com implantação central no lote, e com uma edícula nos fundos, o terreno conta com uma boa área, e foi a partir do valor histórico do edifício, econômico do terreno e das análises do seu entorno que o projeto foi pensado.



### SITUAÇÃO

A proposta projetual para o espaço já existente do casarão consiste nas já mencionadas ações de restauro, com a proposta de adequação da planta compartimentada eclética ao novo uso, o coworking. Para que essa adaptação seja feita da melhor maneira possível, houve a proposição de abertura de alguns vãos, e também a construção, em drywall, de um espaço para DML, dentro de um dos cômodos.

O projeto pensado neste trabalho para o restauro e reuso do Palacete Camilo de Mattos tem como premissa a mínima intervenção no projeto da edificação principal original e o máximo respeito pelo bem e por sua história, propondo que o novo uso e o projeto de intervenção se adequem ao palacete existente e não o oposto, como muitos projetos de restauro e intervenções em edifícios históricos acabam por fazer.

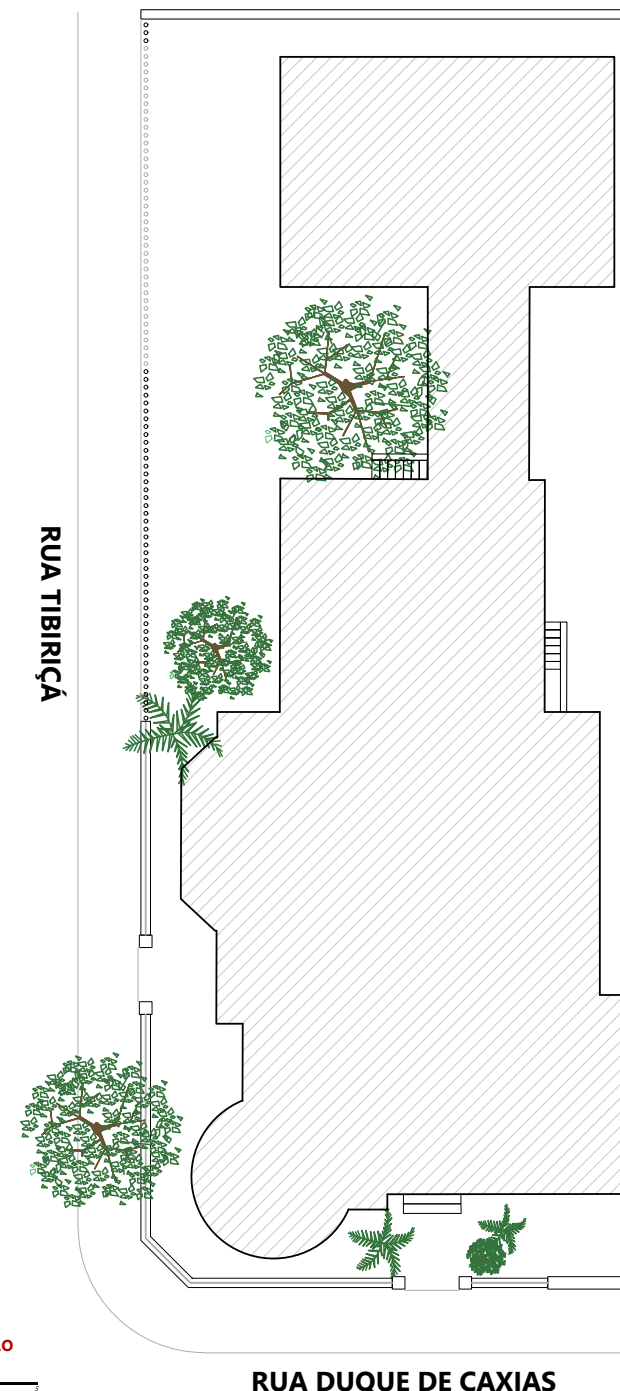
Baseando-se nos princípios da teoria crítico-conservativa e criativa expostos no capítulo dois desta monografia, a proposta do projeto de restauro prevê que sejam tomadas ações que preservem as características marcantes do edifício, e a passagem do tempo pelo bem, de forma crítica, o considerando como edifício único, e não tratando o restauro como mera lista de trabalhos a serem feitos, para isso, Também foi necessária a instalação de um elevador para garantir a acessibilidade do edifício, sendo ele instalado de forma a minimizar seu impacto nas fachadas, dando acesso no primeiro pavimento à antiga cozinha, que na nova proposição é aberta, formando com a antiga copa um espaço mais amplo, que

que servirá como circulação e também como área de estar, tanto para os funcionários, como para quem apenas está de passagem. Essas mudanças, pequenas e sempre respeitando a estrutura e história do bem, ficam evidenciadas nas plantas de construir e demolir, presentes neste caderno.

O programa de necessidades do coworking surgiu através de pesquisas e estudos de projetos semelhantes, proporcionando uma análise crítica e o equilíbrio entre os ambientes construídos e as necessidades de quem iria utilizá-lo, sendo assim, o programa dentro do palacete ficou definido da seguinte forma:

- Áreas coletivas de trabalho;
- Escritórios individuais;
- Espaço multiuso;
- Sala de reuniões;
- Recepção;
- Áreas de estar e descanso;
- Copa;
- Dml;
- Banheiros.

Sendo as áreas coletivas de trabalho mais amplas, com diversas mesas e sem divisórias, uma área contemporânea e de certa forma até fluida dentro das limitações existentes no edifício.



Como já mencionado nas ações de restauro, haverão ambientes que serão totalmente restaurados e mantidos o mais original possível, estes ambientes são as antigas:

- Sala de Jantar;
- Sala íntima;
- Escritório;
- Banheiros;
- Hall de entrada;
- Dormitórios (conforme hachura no esquema a seguir);
- Sala existente no pavimento superior.

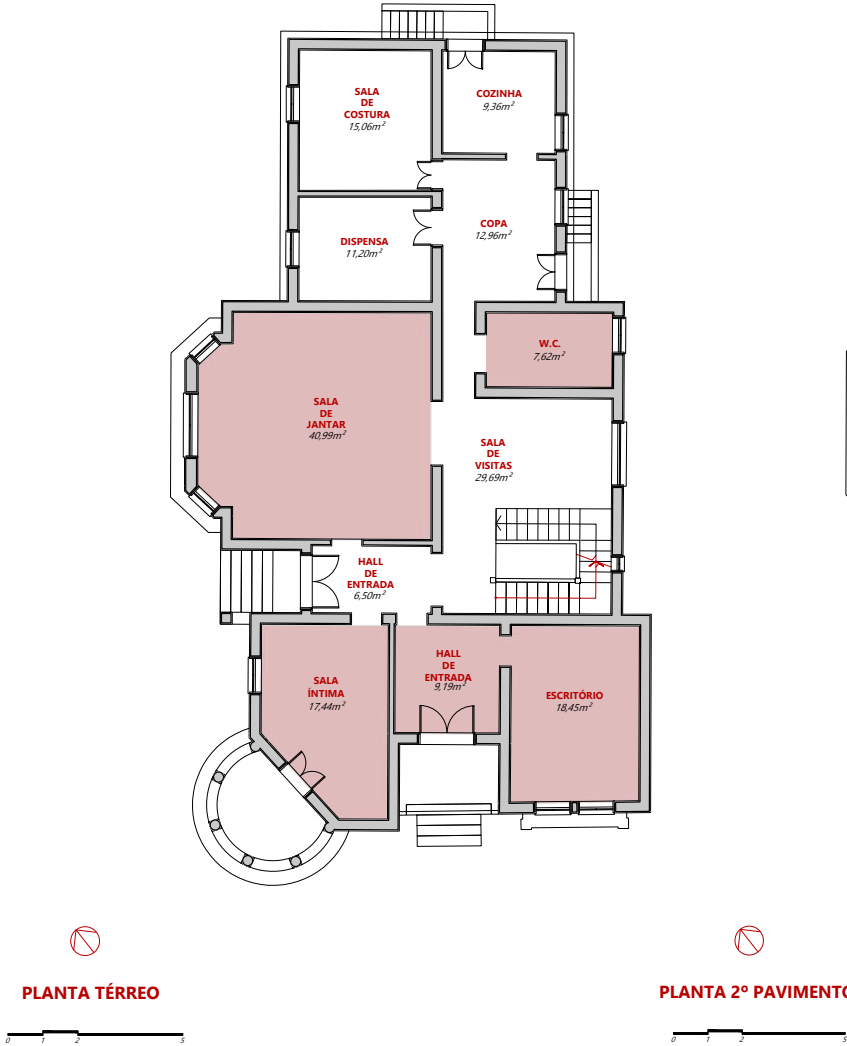
Nestes ambientes apenas os mobiliários poderão ser mudados de acordo com a necessidade do usuário, devendo-se manter todo o restante do ambiente tal qual o restaurado.

A última proposição do projeto para o palacete é a retirada da cobertura metálica existente no terraço, que passará a ser uma área destinada a descanso, podendo ser utilizada para oficinas e até mesmo como área de trabalho informal. Para que a área funcione desta forma, há a proposta de instalação de uma nova cobertura, de aparência mais leve e que possibilite a passagem de luz,

mas que também faça a proteção contra intempéries, para isso, será usada uma estrutura metálica, um pergolado, de metal na cor chumbo, e telhas de policarbonato translúcidas. Ainda no terraço haverá o acesso para cadeirantes e pessoas com baixa mobilidade através do elevador externo ali instalado, e também haverá a conexão do palacete com o anexo proposto ao fundo por meio de uma passarela metálica que irá começar no terraço e chegar a porta do anexo.

O PROJETO DE INTERVENÇÃO: O COMPLEMENTO EM UM ANEXO

Após diversas discussões com a orientadora deste trabalho e de buscas de referências projetuais, foi decidido pela elaboração do projeto de um anexo para o terreno do palacete, que visa não só adequar o espaço ao novo uso, como aumentar o valor da construção e maximizar o aproveitamento do terreno. Sendo assim, e respeitando a legislação vigente na cidade de Ribeirão Preto, na qual dispõe sobre o parcelamento e aproveitamento do solo,



limitando a taxa de ocupação do terreno em 80% na área central, bem como tendo o coeficiente de aproveitamento na região de 3x a área possível de se edificar, foi proposto o anexo. Ele possui aproximadamente 253,3m², divididos em 3 pavimentos e um mezanino.

O anexo tem como usos pensados o próprio coworking, que já se faz presente no casarão, em seus pavimentos mais altos, mas também é proposto um café+bar em seu pavimento térreo, dinamizando os usos presentes no terreno.

Sendo assim, o programa de necessidades contido na edificação anexa se configura da seguinte forma:

Café+Bar

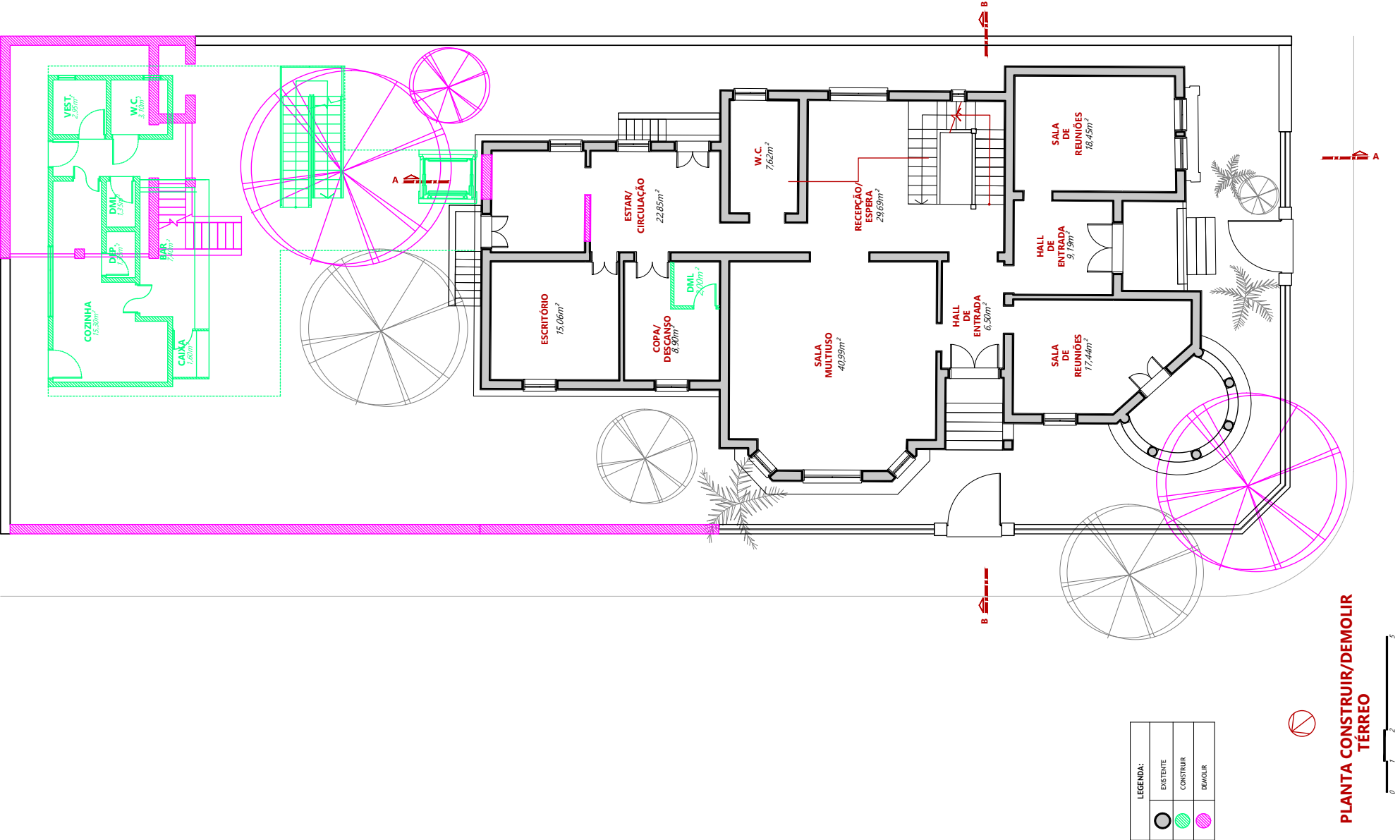
- Bar;
- Cozinha;
- Depósito;
- DML;
- Vestiário;
- Banheiro;
- Espaço para mesas.

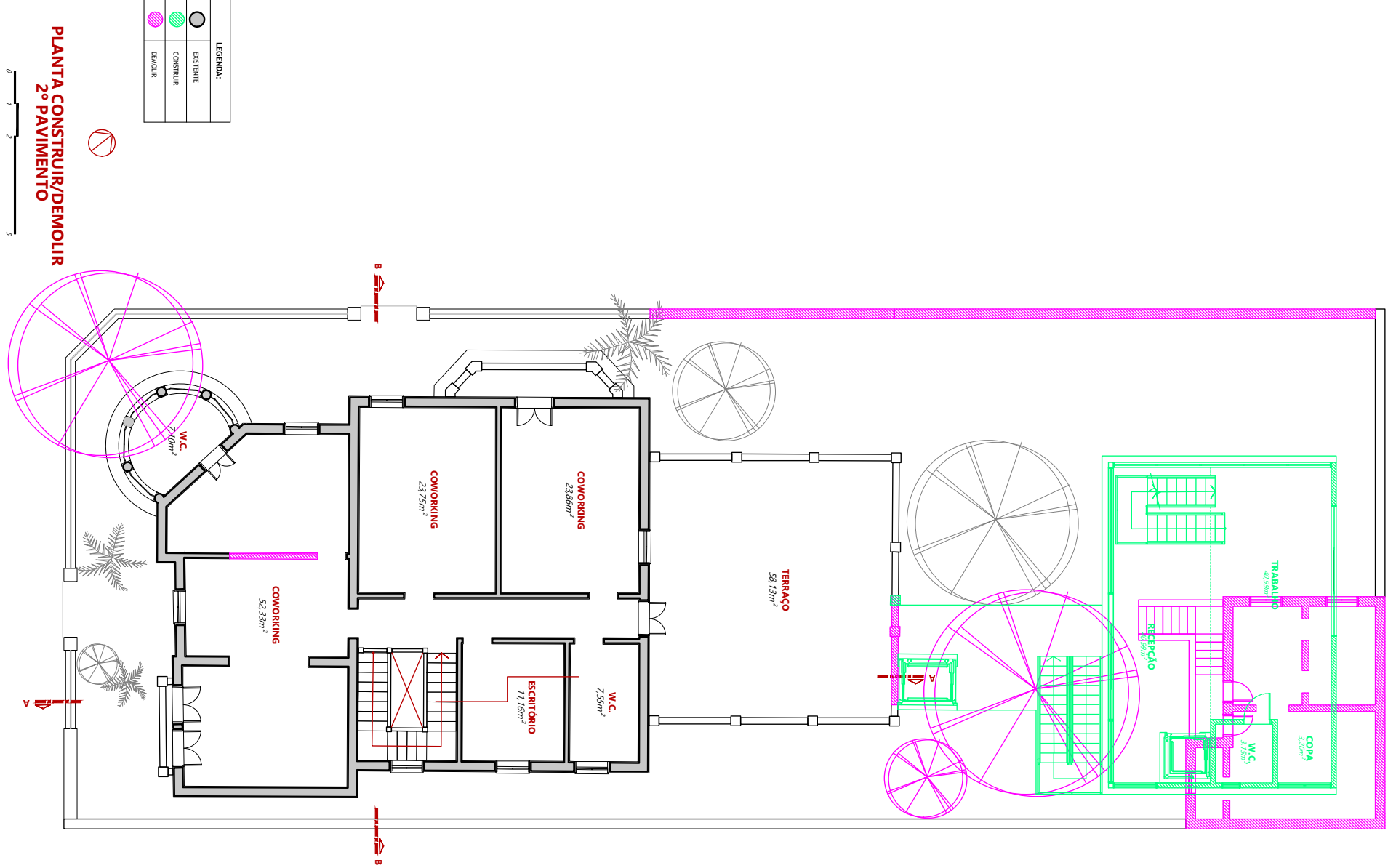
Coworking

- Recepção e área de descanso;
- Áreas coletivas de trabalho;
- Espaço multiuso;
- Sala de apoio;
- Copa;
- Banheiros.

Sendo o projeto do pavimento térreo todo voltado para as áreas de uso do café+bar, e os demais pavimentos de uso do coworking. Nos pavimentos e no mezanino que servem ao coworking, a proposta do projeto é que não haja divisões internas nas áreas de trabalho, deixando o ambiente livre para ser moldado de acordo com a demanda local.

Contudo, é indicado que se houver mudanças posteriores e a eventual necessidade de divisões, que estas sejam feitas com divisórias de vidro ou de material que não limite a visão do espaço, para que a ambiência continue sempre a pensada no projeto, tendo apenas as divisões essenciais, como as paredes dos banheiros e da sala de apoio.



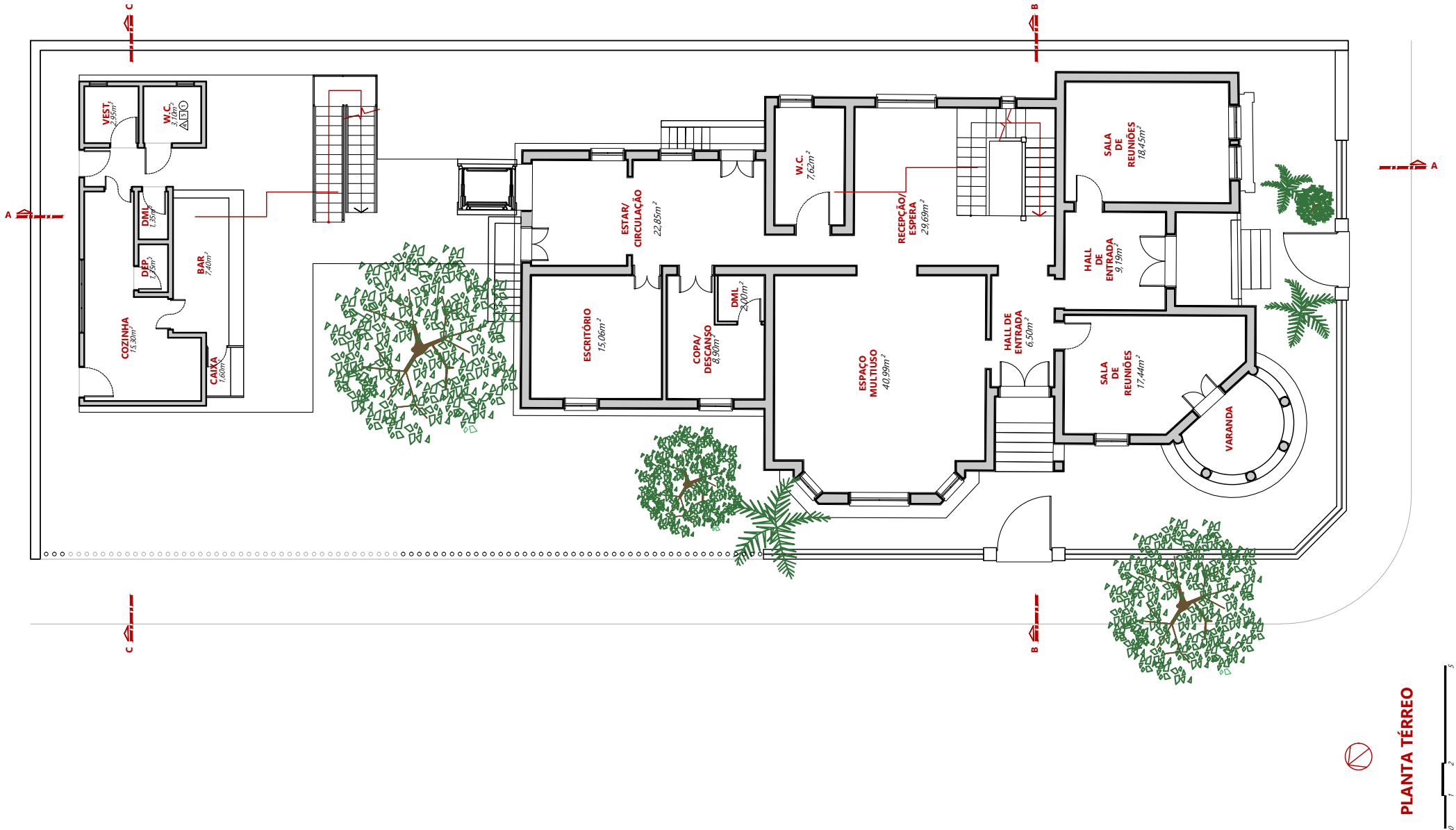


Continuando a pensar na materialidade do projeto, é proposto que ele tenha estrutura metálica aparente, fechamento com paredes de drywall duplo e janelas em alumínio e vidro, proporcionando a conexão visual com o palacete. Estas escolhas foram cuidadosamente pensadas para evitar grandes impactos da obra e sua estrutura ao palacete, uma vez que estas soluções estruturais e de vedação são leves e racionalizadas, ou seja, geram menos entulho e lixo, bem como demandam um tempo menor de execução. Quanto ao pré dimensionamento desta estrutura, após estudos, foi visto que os perfis metálicos em H seriam os mais apropriados para a construção, sendo assim, sugere-se que sejam usados para os pilares perfis W250x115 (H) da gerdau, e para as vigas, sugere-se perfis W310x170 (H). Contudo, é importante salientar que o projeto estrutural deve ser realizado em conjunto com um engenheiro civil e que este pré dimensionado e perfis foram usados apenas como proposição do estudo projetual. Já quanto ao fechamento do anexo, o material escolhido foi o drywall duplo, com aproximadamente 15cm de espessura, que

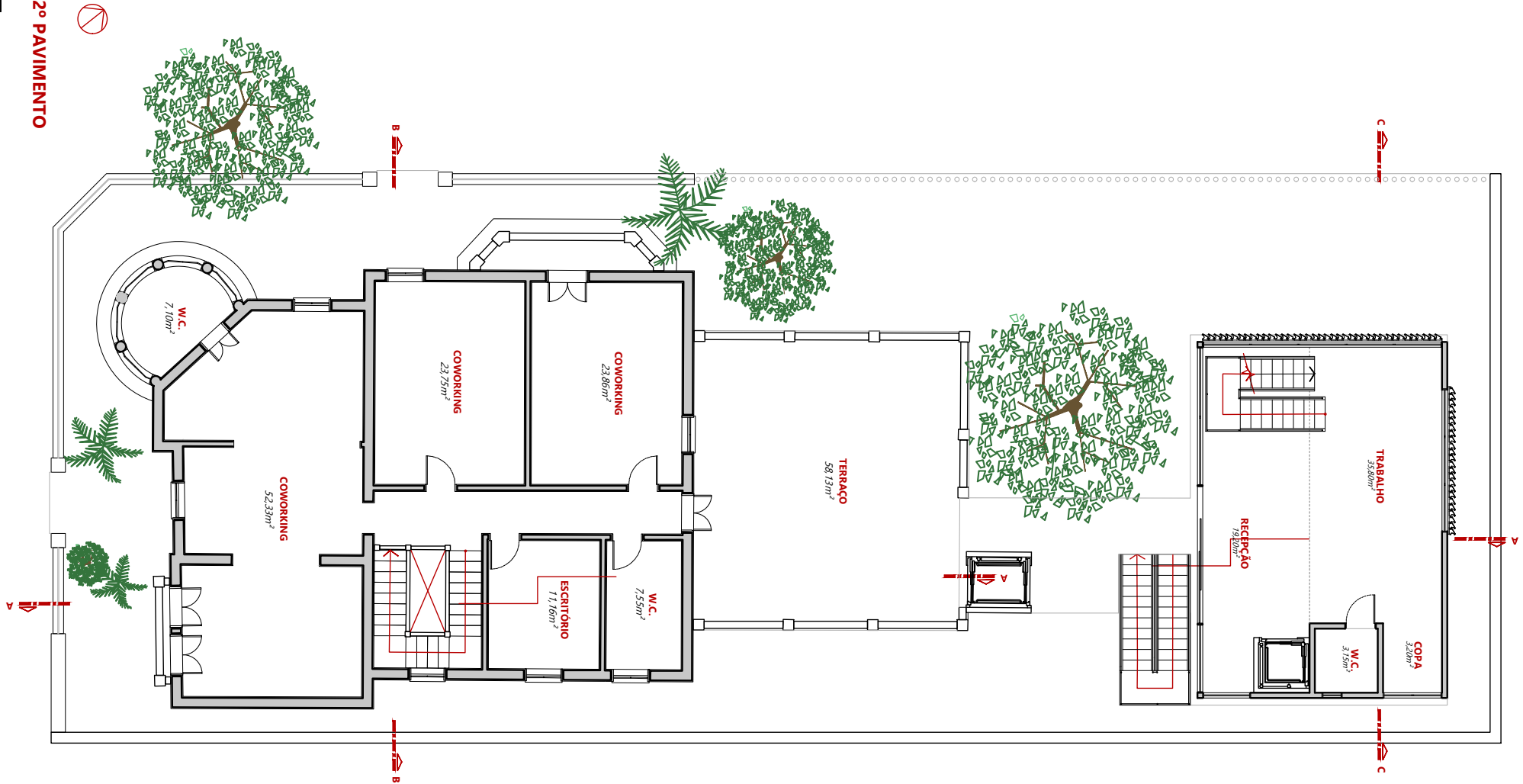
possibilita uma construção seca e rápida, bem como também permite que haja um tratamento acústico e um melhor conforto térmico para a edificação. Seguindo a mesma lógica da escolha do drywall e demais materiais, para a cobertura foi escolhida a telha sanduíche, que permite também um melhor isolamento térmico, apoiada em estrutura convencional metálica, com uma água, calha simples, por dentro da estrutura metálica existente. Além dessas questões estruturais, os detalhes, como a materialidade da escada, as aberturas, os elementos de proteção solar e até mesmo a caixa d'água foram pensados. A caixa d'água ficou pré definida em projeto como sendo duas com capacidade para mil litros cada, e que ficarão alocadas entre a laje superior e a estrutura do telhado, junto com a casa de máquinas do elevador. As escadas, tanto a interna, como a externa, serão metálicas, contudo a interna terá seu piso em madeira, enquanto a externa em chapa metálica. No que tange as esquadrias, estas foram pensadas para serem amplas, em alumínio e vidro, de maxim-ar e também de correr, com requadro com pintura na mesma cor da pintura da estrutura metálica,

que será na cor cinza chumbo. Já quanto aos elementos de proteção solar, que se fazem necessários visto a insolação do local e o uso de uma fachada completamente revestida com janelas de vidro, após várias pesquisas e estudos, foi escolhido o brise de chapa metálica perfurada da marca Hunter Douglas, modelo Stripscreen na cor pizarra. Além das questões técnicas acima mencionadas, o grande desafio deste projeto foi integrar construção existente com algo novo, tentando ao máximo respeitar o bem, e não fazer com que as duas construções concorressem entre si, ou que o anexo ofuscasse o palacete. Sendo assim, a opção pela volumetria simples e elementos metálicos em sua fachada se fez ideal, como também a criação de uma passarela que seria a ligação física entre os dois volumes, assim como a fachada em janelas de vidro faria a ligação visual entre as construções. A passarela proposta, além de fazer a ligação entre os dois edifícios, também abrigaria a circulação vertical do projeto, sendo ali inserida uma escada e um elevador, que dariam acesso ao pavimento superior tanto do palacete,

como do anexo. Esta passarela foi pensada para ser executada em estrutura metálica, com piso em chapa metálica também, e cobertura, que se estende desde o terraço do segundo pavimento do palacete até a porta principal do anexo, cobrindo assim toda a passarela, em pergolado de estrutura também metálica com telhas de polycarbonato, que permitem a passagem da luz, porém fazer a proteção contra intempéries. A implantação, volumetria e materialidade do anexo, além de viabilizar a manutenção do palacete, agregando maior valor ao conjunto, e atraindo um maior número de pessoas para o local, também foram pensados de forma que o anexo possa coexistir junto ao palacete e que não interfira nas visadas e na percepção do espaço histórico ali existente, mas sim que contribua de forma positiva para seu uso, deixando a experiência do usuário do palacete e até mesmo dos pedestres que por ali passam, mais agradável possível.



PLANTA 2º PAVIMENTO



PLANTA MEZANINO

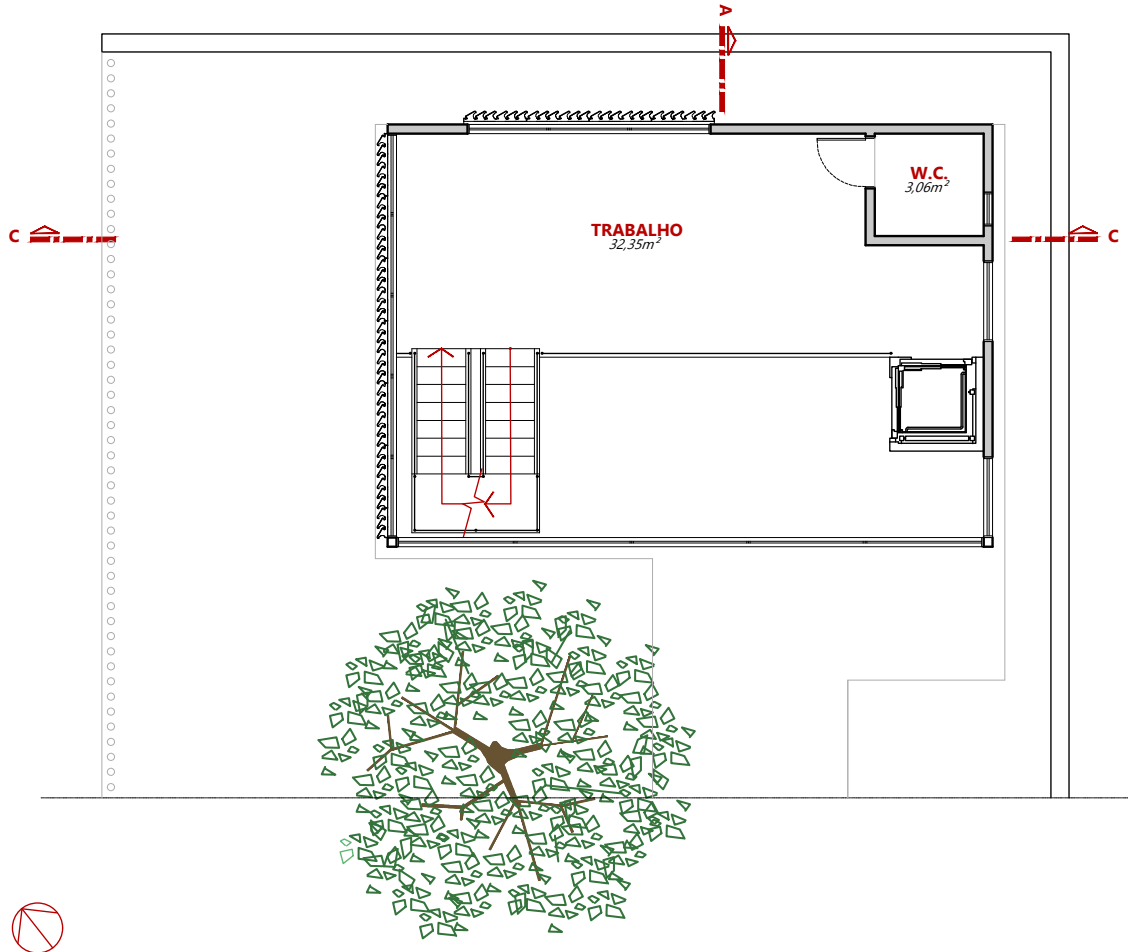
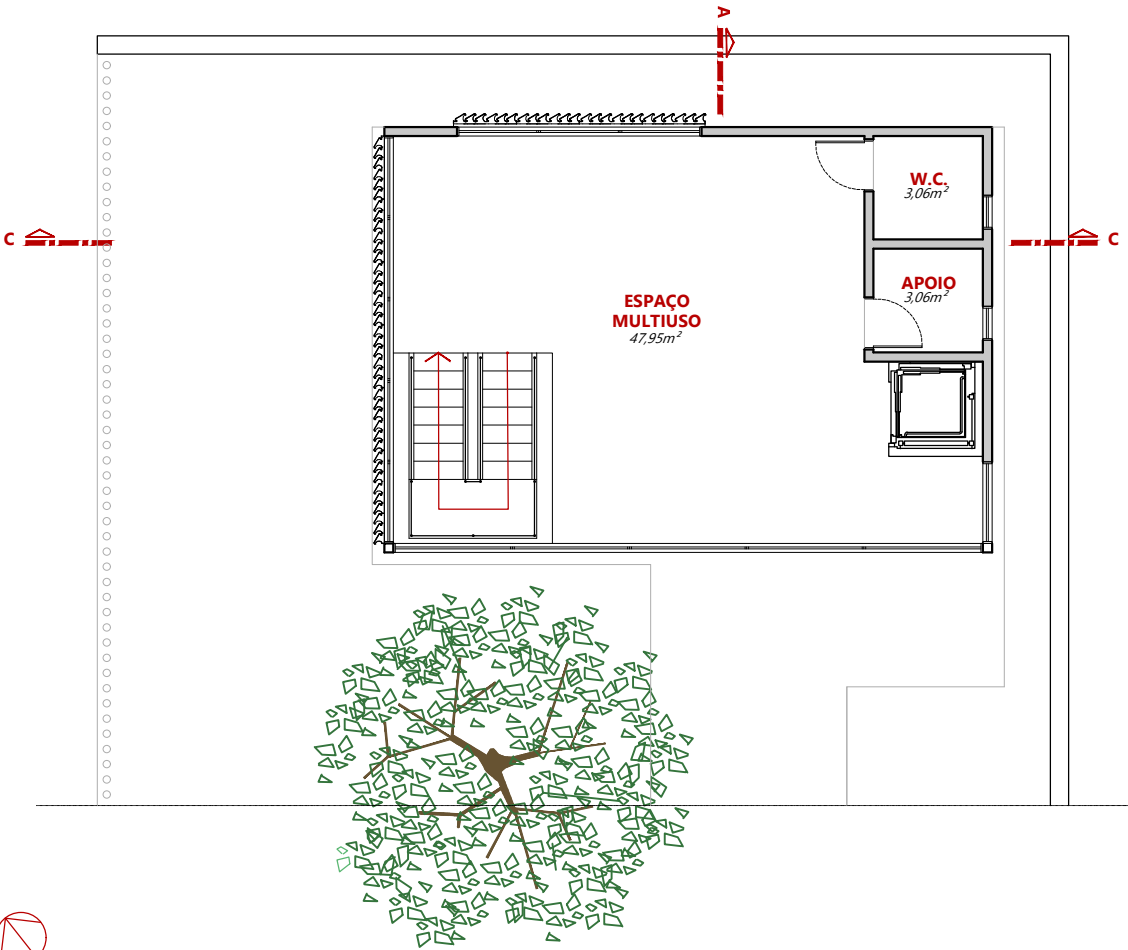
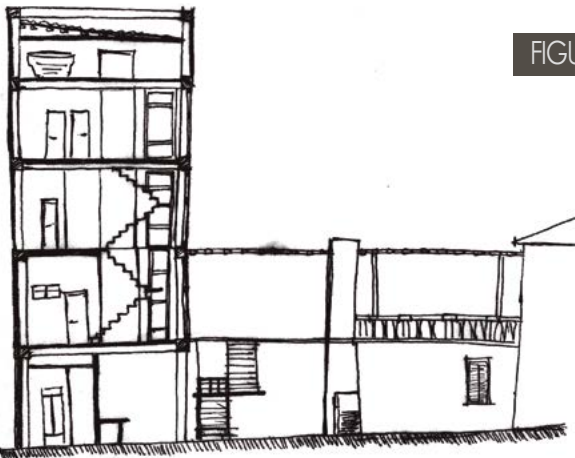




FIGURA 46.



FIGURA 47.



PLANTA 3º PAVIMENTO

0 1 2 5





# CONSIDERAÇÕES FINAIS



Este trabalho teve como objetivo resgatar a memória de Ribeirão Preto e salientar a importância da arquitetura eclética para a cidade, assim como também mostrar que espaços tombados e em estado de abandono podem, através de projetos conscientes e de ações bem planejadas, embasadas em metodologias e teorias coerentes, terem novos usos e contribuir de forma positiva para a dinâmica urbana do entorno em que estão inseridos.

Propondo um projeto de restauro e reuso que privilegia um espaço dinâmico,

que possa abrigar além dos usos já pré-definidos, ações culturais pontuais, que aliadas às intervenções que a administração municipal tem realizado no entorno, contribuam para sua total revitalização e requalificação, este trabalho também visa explicitar, o restauro pode ser uma ferramenta para a requalificação e que edifícios históricos podem, assim como a cidade, modernizarem-se, podendo abrigar usos contemporâneos, intervenções e anexos se o terreno lhes permitir e que o bem, por mais que seja tombado e tenha que ser respeitado, não é imutável.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



CALIL JR., Ozório. O centro de Ribeirão Preto: os processos de expansão e setorização. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, 2003.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização. Cotia: Ateliê, 2009.

KUHL, Beatriz Mugayar. Notas sobre a Carta de Veneza. Anais do Museu Paulista. v. 18. n.2, p. 287-320, S. Paulo Jul.-Dez. 2010.

KUHL, Beatriz Mugayar. O tratamento das superfícies arquitetônicas como problema teórico da restauração, Anais do Museu Paulista, S. Paulo, n. sér., v. 12., p. 309-330. Jan - Dez. 2004.

CUNHA, Claudia dos Reis e; KUHL, Beatriz Mugayar. Teoria e método no campo da restauração. Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, S. Paulo, v.19, n. jun 2012, p. 98-115, 2012.

FABRIS, A. (org.). Ecletismo na Arquitetura Brasileira. Nobel/Edusp, S. Paulo, 1987.

FABRIS, A. Arquitetura Eclética no Brasil: O cenário da modernização. Anais do Museu Paulista, S. Paulo, Nova série n. 1, p. 131-145, 1993.

REIS FILHO, N. G. Quadro da Arquitetura no Brasil. Perspectiva, S. Paulo, 1970.

LEMONS, Carlos A. C. Alvenaria Burguesa: Breve história da Arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir do ciclo econômico liderado pelo café. Nobel, S. Paulo, 1989.

HOMEM, Maria Cecília N. O palacete paulistano: e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira, 1867-1918. M. Fontes, S. Paulo, 1996.

CARBONARA, Giovanni. Brandi e a restauração arquitetônica hoje. Desígnio, S. Paulo, n. 6, p. 35-47, 2006.

BRENDLE, Betânia. Uma teoria, alguns princípios e muita arquitetura: A atualidade do pensamento bradiano em intervenções arquitetônicas na Alemanha, Dinamarca e Itália. Porto Alegre, 2016.

KODAIRA, Karina Terumi. Restauro do Moderno: Teoria + Prática. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2010.

BELO, Rafaela Borsato. Arquitetura do Café no Interior Paulista: restauro e memória na Fazenda Manoel Amaro. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

MARTINS, Ana Paula Ramos da Silva Dutra. O Patrimônio Eclético no Rio de Janeiro e a sua preservação. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

PIRES, Mário Jorge. Sobrados e Barões da Velha São Paulo, Manole, São Paulo, 2006.

CARTA DE ATENAS. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=232>>. Acesso em: maio/2017.

CARTA DE VENEZA. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>>. Acesso em: maio/2017.